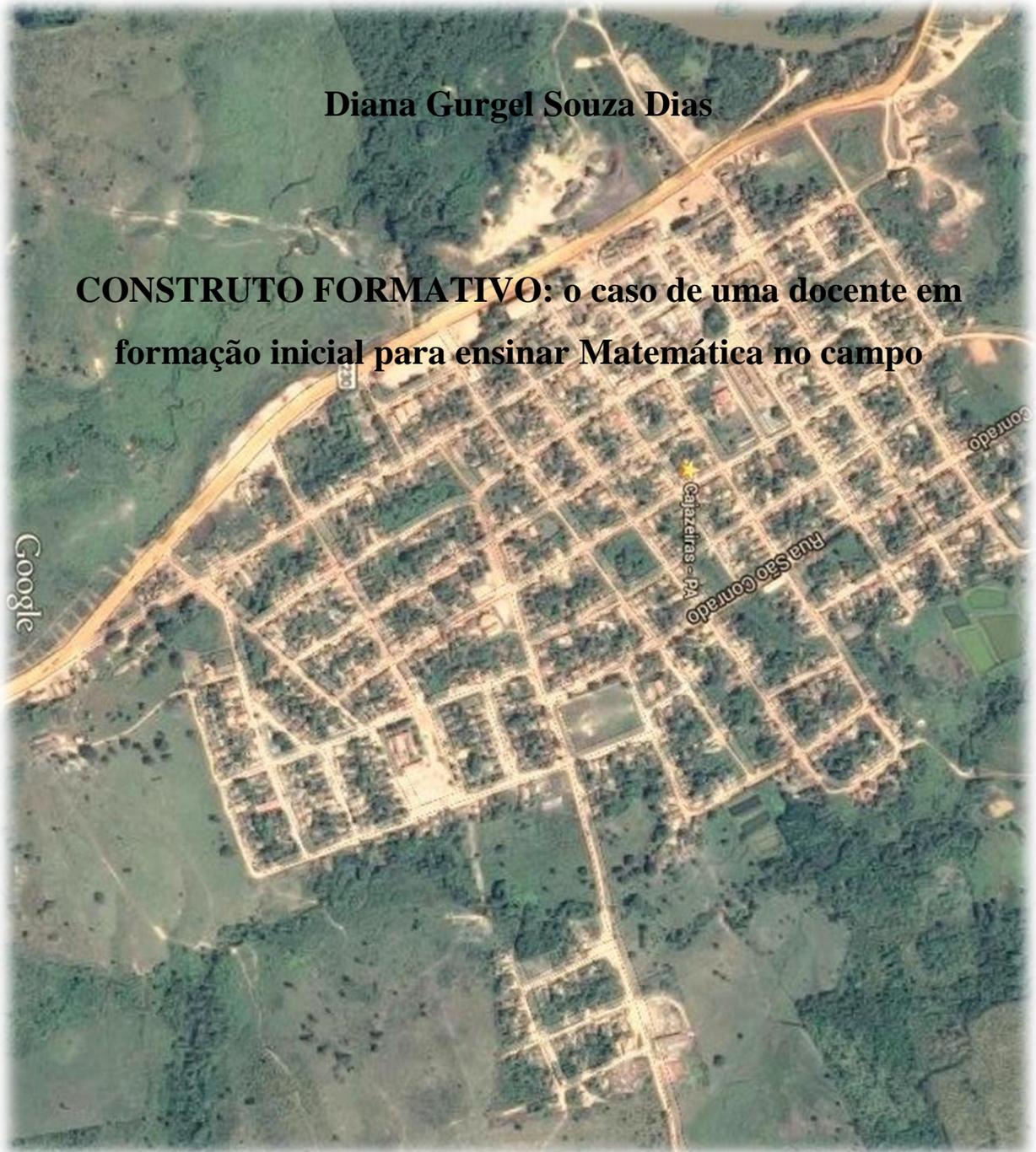




**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Diana Gurgel Souza Dias

**CONSTRUTO FORMATIVO: o caso de uma docente em
formação inicial para ensinar Matemática no campo**



**MARABÁ-PA
2015**

Diana Gurgel Souza Dias

**CONSTRUTO FORMATIVO: o caso de uma docente em
formação inicial para ensinar Matemática no campo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura Plena em educação do Campo com ênfase no Ensino da Matemática, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, Campus de Marabá.

Orientadora: Prof(a) MSc. Kátia Liége Nunes Gonçalves.

**MARABÁ-PA
2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas da Unifesspa)

Dias, Diana Gurgel Souza

Construto formativo: o caso de uma docente em formação inicial para ensinar Matemática no campo; Orientadora, Kátia Liége Nunes Gonçalves. - 2015.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Federal do Pará, Faculdade de Educação no Campo,

1. Formação de professores – Itupiranga (PÁ). 2. Professores de Matemática. . 3. Educação do Campo. I. Título.

CDD - 22 ed. **378.098115**

Diana Gurgel Souza Dias

**CONSTRUTO FORMATIVO: o caso de uma docente em
formação inicial para ensinar Matemática no campo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura Plena em educação do Campo com ênfase no Ensino da Matemática, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, Campus de Marabá.

Aprovada em ____/____/2015

Banca Examinadora:

_____ - **Orientadora**
Prof(a) Mestre Kátia Liége Nunes Gonçalves
Fecampo - Unifesspa

Prof. Mestre Hiran de Moura de Possas
Fecampo - Unifesspa

Prof. Mestre Marcos Guilherme Moura Silva
Fecampo - Unifesspa

Aos meus pais: Moacir, Ana Maria (in memoriam) que sonharam com esse momento, de ver um dos filhos com uma formação acadêmica, ademais, foram responsáveis pela formação do meu caráter e da minha personalidade.

Ao meu esposo, que de maneira incondicional sempre esteve ao meu lado principalmente nesta longa jornada de estudos, além do que, a sua paciência e compreensão foram de suma importância para que esse sonho fosse realizado.

Aos meus filhos e netos amados que sofreram com minha ausência nessa longa caminhada, mas sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e incentivando.

A minha nora querida e adorada, Osevânia que ao lado do meu filho Weberty não mediram esforços e nem gastos, para me acomodar em seu lar, me proporcionando conforto e bem estar.

AGRADECIMENTOS

Obrigado Senhor! Aprendi a agradecer a Deus por tudo, pois ele sempre está comigo, em todos os momentos.

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela sua presença constante em minha vida, pela força do Espírito Santo me protegendo, me guiando e me fortalecendo a cada dia, inclusive nessa longa e árdua jornada de estudos, pois certamente sem essa força divina jamais estaria aqui comemorando mais essa conquista, entre muitas que já tive. Ademais só tenho a agradecer e louvar seu santo nome por todas as maravilhas que fazes por mim, pela minha família e por toda a humanidade.

E de modo muito especial agradeço a minha orientadora Kátia Liége, que além de excelente professora é uma grande amiga, pois é digna do meu respeito e da minha admiração. Sobretudo pelo compromisso, pela ética profissional, e pela competência em conduzir os caminhos metodológicos para a prática docente do ensino da Matemática, de forma dinâmica e compreensiva.

Meus sinceros agradecimentos aos meus professores do curso de Licenciatura em Educação do Campo, que de certa forma me ensinaram muito, e me apontaram caminhos para ir à busca de mais conhecimentos.

Também especialmente aos professores convidados advindo de outras universidades, dentre poucos, destaco professores Fábio Nogueira, Artur Machado, e Josélio, pois, deixaram um rico legado de conhecimentos/conteúdos Matemáticos entre outros, em específicos os atitudinais. Aprendi com eles uma maneira diferenciada de ensinar Matemática, em que professores precisam compreender o referido ensino para ensinar o mesmo com segurança, e, mostrar aos alunos em que situação do cotidiano ou não se faz uso ou vivencia dos conteúdos aprendidos no âmbito escolar.

Aos meus caros colegas de turma, em especial Lourenberg Cordovil e Raimundo Nonato, pois compartilharam da mesma batalha, foram amigos e companheiros em todas as etapas de ensino.

E para finalizar, obrigada a todos e a todas da comunidade escolar e local da Vila Cajazeiras, que direta ou indiretamente foram fundamentais ao meu construto formativo como docente de Matemática do campo.

Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa visa dar visibilidade ao caso de uma docente em formação inicial para ensinar Matemática no campo, meu construto formativo. Preocupando-se com as questões referentes ao processo de ensino e aprendizagem dos conhecimentos matemáticos no desenvolvimento formativo de uma futura professora de Matemática, assim como, a relação pessoal socioeconômico e cultural do meio em que vive. Para tanto optei por uma abordagem qualitativa com inspiração na Investigação Narrativa e História de Vida. Essa pesquisa foi desenvolvida em momentos de estudos na Universidade (UFPA-UNIFESSPA) e na referida localidade. Foram consultados os relatórios de pesquisa dos sete Tempos Comunidade, trazendo-os para o Trabalho de Conclusão do Curso de Educação do Campo. Partindo disso, foi feito o tratamento minucioso das informações a partir de análises reflexivas com embasamento teórico, para a compreensão e discussão dos respectivos argumentos. Para a referida investigação adentrei na historicidade de diversos atores sociais da comunidade, buscando compreender como se estabelece a relação entre ambos. Também fui a ambientes escolares em contexto campesino, observando, auxiliando e participando de forma interativa da relação professor-conhecimento-aluno, como também, interações outras com toda comunidade escolar. Indo a esses espaços de interação também realizei a investigação de minha constituição enquanto professora de Matemática. Tive como objetivo primeiro: investigar em que termos o profissional docente de Matemática se constitui para ser Educador(a) Matemático(a) na Vila Cajazeiras Município/Itupiranga-Pará. Nesse sentido busquei entender e explicitar a minha trajetória acadêmica ao alcance de minha constituição docente de Matemática. A guisa de reflexões visualizei ainda, a persistência dos medos que muitos têm em aprender Matemática, identificando nesse meio a falta de interlocução entre o professor de Matemática e os seus, e o que ao longo dos tempos são impostos a esses, uma 'grades curriculares' de conteúdos de Matemática para ser ensinado de forma mecânica e descontextualizada. Em momentos vividos em meio investigativo e realizando reflexões sobre minha nova/outra prática docente, penso em possibilidades de apresentar uma Matemática significativa para a minha comunidade escolar quando professora de Matemática.

Palavras-chave: História de Vida, Conhecimentos Matemáticos, Prática Docente, Ensino e Aprendizagem, Docente de Matemática

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Antiga área reservada ao INCRA, década de 80.....	25
Figura 2 – Única das três casas do INCRA da década de 80.....	25
Figura 3- Autoridades municipais em cima de um caminhão madeireiro (palanque improvisado) - 1ª Maratona de Cajazeiras, 1991.....	30
Figura 4 – Vencedor da 8ª Maratona de Cajazeiras 1999.....	31
Figura 5 – Modalidade feminina da 8ª Maratona de Cajazeiras, 1999.....	31
Figura 6 - VII Baile do Havai de Cajazeiras.....	32
Figuras 7 e 8 - Entrada e corredor da Escola Estadual Brasil Tropical.....	43
Figura 9 – Frente da Escola Brasil Tropical antes da reforma.....	45
Figura 10 – Frente da Escola Brasil Tropical depois da reforma.....	45
Figura 11 – Confecção das roupas para a dança do carimbó.....	50
Figura 12 – Alunas caracterizadas para a dança do carimbó.....	50
Figura 13 – Alunos na quadra da Escola Brasil Tropical assistindo o torneio de futsal masculino.....	50
Figura 14- Times do campeonato de futsal feminino, da Escola Brasil Tropical.....	50
Figura 15 – Apresentação de música gospel na Escola Brail Tropical.....	51
Figura 16 – Coordenadora do Conselho Tutelar, ação educativa aos alunos da Escola Brasil Tropical.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I- METODOLOGIA: passos da investigação	15
II- LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: contextualização do curso	19
2.1. Forma de ingresso	19
2.2 Turnos de funcionamento.....	19
2.3 Modalidade de oferta.....	20
2.4 Um pouco de história: a LPEC no Campus de Marabá.....	20
2.5 Habilitação	21
III- SOBREVIVO PELA COMUNIDADE DE CAJAZEIRAS	24
3.1 Contextualização da Vila Cajazeiras	24
3.2 Registro histórico da Vila Cajazeiras: dificuldades em decorrência do difícil acesso a Rodovia Transamazônica.....	26
3.3 Aumento demográfico na Vila Cajazeiras: estrutura social, política e econômica	28
3.4 Manifestações culturais na Vila Cajazeiras	29
3.5. Gincana Beneficente de Cajazeiras	30
3.6 Baile do Havana.....	32
3.7 O meio produtivo na Vila Cajazeiras: extrativismo	33
3.8 Impactos ambientais: extração legal e ilegal da madeira na Vila Cajazeiras	36
3.9 A luta da população pela independência política e econômica da Vila Cajazeiras	38
IV-COMUNIDADE ESCOLAR DA VILA CAJAZEIRAS: processo educacional do campo	41
4.1 Escola Estadual de Ensino Fundamental “Brasil Tropical”	42
4.2 Escola Estadual de 1º e 2º grau “Brasil Tropical”	43
4.3 Obstáculos dos alunos do campo para estudarem na Vila Cajazeiras:	47
4.4 Manifestação cultural na Escola Estadual Brasil Tropical	49
V- DOCÊNCIA NO/DO CAMPO: MINHA CONSTITUIÇÃO COMO PROFESSORA DE MATEMÁTICA DO CAMPO	53
5.1 Conhecimentos matemáticos em contexto madeireiro	53
5.2 Conhecimentos matemáticos nos estágios de observação e regência no Ensino Fundamental e Médio	56
5.3 Evasão de alunos na Escola Estadual Brasil Tropical	58
CONSIDERAÇÕES: ESPAÇOS REFLEXIVOS	60
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE	65
ANEXOS	68

INTRODUÇÃO

Atualmente o Ensino da Matemática ainda vivem momentos difíceis no que tange ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, pois existem preconceitos quanto à aprendizagem dos conteúdos de matemática, porque afirmam que é muito difícil de aprender. Ecoa nas instituições de ensino e fora dela, de que a Matemática é uma disciplina incompreensível. Isso explica a dificuldade em preparar professores para ensinar os conteúdos matemáticos, pois, são poucos os alunos que se propõe a se graduarem na disciplina de Matemática.

Diante desse contexto que expõe a Matemática como disciplina difícil de aprender, D'Ambrósio (2003, p.3), diz que desde pequena a criança é condicionada a achar que a matemática é complicada. “Se ela tem em casa um irmão mais velho, já ouve que matemática é difícil. É um comportamento condicionado: ela entra na escola apavorada com a disciplina.” A partir dessa exposição entendo que devido às dificuldades que muitos têm com a aprendizagem dos conteúdos matemáticos começam desde cedo temer.

Dentre muitos fatores, o que se torna visível à dificuldade de aprendizagens, em termos educacionais, está o traslado à escola, lugar em que o processo de ensino e aprendizagem acontece. Um fator preponderante é o complicado acesso que os alunos do campo têm para estudarem na cidade, pois nessas localidades nos deparamos com problemas de ordem prática, que são: à distância, têm alunos que fazem um percurso de até 40 quilômetros, estradas esburacadas e lamacentas, principalmente no período das chuvas, em que nesse são frequentes as faltas desses alunos, ora por problemas com o veículo que muitos deles são de péssima qualidade ou devido os atoleiros que impedem os transportes de chegarem à escola.

Nesse contexto que me insiro, o que se intensifica são os enfrentamentos para a realização da graduação, pois o acesso a universidade carece de deslocamento da cidade de origem dos alunos a outras cidades que essas instituições se localizam. Ou seja, o aluno precisa muitas vezes firmar residência em outro município distante do que reside, para frequentar a Universidade a qual estudará.

Na Universidade Federal do Pará-UFPA, hoje Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA tive oportunidade de fazer uma Licenciatura em Educação do Campo

tendo com área de conhecimento a Matemática, pois é um curso de extrema grandeza no que tange as necessidades de docentes e discentes do campo.

Aqui cabe apresentar brevemente onde estou situada, no Curso LPEC- Licenciatura Plena em Educação do Campo, na atualidade Faculdade de Educação do Campo, pois posteriormente darei destaque aos diversos aspectos relativos a esse contexto. Importante esclarecer que o curso se estabelece em dois momentos distintos, Tempo Universidade e Tempo Comunidade¹, mirando as especificidades dos estudantes que moram no campo.

No contexto dos ‘Tempos’, as pesquisas de campo durante o tempo em que estamos em nossa localidade, se faz necessário a produção de um relatório sobre a vivência dos sujeitos pesquisados, em que o mesmo é construído com foco ao tema campesino e sob orientação dos professores. Nesse contexto também importa conhecer os outros ‘campos’ – vivências dos outros alunos em suas localidades – que são socializados entre professores e alunos no Tempo Universidade.

Nesse contexto, resalto os Tempos-Comunidades realizados in lócus, desde 2010, ano em que iniciei o curso, em que tive a incumbência de pesquisar sobre a minha comunidade, a Vila de Cajazeiras, em aspectos relevantes ao contexto histórico e social do meio em que vivo. Assim ao longo de quatro anos realizei sete Tempos-Comunidades. Quais sejam: a) o primeiro foi tratado sobre a contextualização histórica da comunidade, b) o segundo as Práticas Educativas Escolares e não Escolar c) o terceiro os meios de produção, extrativismo da madeira: saberes, cultura e identidades, d) quarto I Estágio Docência: pesquisa-observação nas turmas de 5^a à 8^a séries em que os conteúdos são desenvolvidos, e) o quinto II Estágio Docência: cultura na comunidade escolar enfatizando os conteúdos matemáticos, f) o sexto III Estágio Docência: estágio de observação no ensino médio: práticas pedagógicas no ensino da matemática, g) e por último o sétimo. V Estágio Docência no ensino médio: trabalho e juventude, práticas pedagógicas no ensino da matemática.

Nos Tempos Universidade não tinha a dimensão dos conhecimentos que iria acumular ao longo dos anos de estudos. Porém os motivos que me levaram a fazer um curso universitário, primeiramente, foram à busca de mais conhecimentos, e em contrapartida por melhores condições de trabalho e vida. Pois, já trabalho a dez anos como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Sempre me questionava quanto a maneira de conduzir o ensino e aprendizagem dos meus alunos, entendia o que e como ensinava precisava ser melhorado.

¹ Tempo Comunidade – tempo dedicado a pesquisa de campo nos intervalos do Tempo-Universidade.

Nesse contexto de Tempos, vale ressaltar, o início de minha vida acadêmica, na Faculdade de Educação do Campo e a interferência desses com minha do campo. Durante dois primeiros anos passeie por conhecimentos pertencentes às questões do campo, como: Ciências Agrárias e Ciências da Natureza (CAN), Ciências Humanas e Sociais (CHS), Matemática, Linguagem, Artes e Literatura (LAN). Posteriormente a esses anos de estudos, os alunos seguem para as turmas as quais se localizam as áreas específicas a que optou. Eu Optei pela Matemática, meu desafio, como também pela falta de professores do campo nessa área, mesmo sendo apaixonada por Linguagem. Mas entendia que isso só me ajudaria.

Com o intuito de compartilhar o meu percurso formativo de maneira significativa, trago relatos a pesquisa desenvolvida ao longo de minha trajetória acadêmica. Apresentarei os caminhos percorridos para a construção deste trabalho, tanto nos aspectos metodológicos quanto as etapas da investigação.

Indo nessa direção, juntamente com a orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), durante o Tempo-Localidade e o Tempo-Universidade foi realizado um traçado investigativo a partir dos relatórios de Pesquisa Sócio Educacional e dos sete Tempos-Comunidades, para elaborar a questão investigativa, que será o foco principal para a consolidação desta pesquisa.

Assim avaliando os relatos das pesquisas de campo conseguir elaborar a seguinte questão da pesquisa: **Em que termos o profissional docente de Anos Iniciais se constitui para ser Educador(a) Matemático(a) na Vila Cajazeiras Município/Itupiranga-Pará?**

Partindo dessa questão de pesquisa, que se torna relevante para trilhar na busca pelo objeto da investigação, pois almejo obter possíveis respostas ao âmbito da pesquisa que ora apresentarei.

Com a finalidade de encontrar respostas para o referido problema norteie os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

➤ **Investigar em que termos o profissional docente dos anos iniciais se constitui para ser Educadora Matemática na Vila Cajazeiras Município/Itupiranga-Pará.**

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

➤ **Analisar os relatórios dos Tempos-Comunidades, das Pesquisas Sócio Educacionais, bem como os relatórios Estágios de docência estipulados pelo Curso de Licenciatura do Campo com ênfase em Matemática;**

➤ **Identificar as marcas da formação docente da futura Educadora Matemática do Campo, na Vila Cajazeiras Município/Itupiranga-Pará.**

A partir de tais objetivos tracei essa pesquisa no intuito de realizar a investigação, fiz uma longa viagem nos meus achados investigativos, os quais foram produzidos ao longo dos meus estudos acadêmicos. Também como suporte à contribuição de referenciais teóricos para fundamentar esses achados.

Nesse sentido, apresento aqui de forma sucinta, os movimentos que realizei em cada capítulo o qual destrinchei a investigação. Movimentos estes que me oportunizaram a vivenciar e (re)conhecer a prática do educador matemático do campo nos diversos aspectos, dentre muitos destaco: atitudes, comportamento e os procedimentos que são desenvolvidos em sala de aula e até fora dela. Também de que maneira acontece a organização do sistema educativo das escolas investigadas no Município de Itupiranga.

Assim sendo, inicio apresentando os assuntos introdutórios em que serão delineados os rumos da pesquisa, tendo como indicadores a pretensão, de expor a importância, assim como, os sucessos e insucessos no processo de ensino e aprendizagem dos professores de Matemática em ambiente campesino.

Depois disso me direciono ao primeiro capítulo, *a metodologia* em que destaco os *passos da investigação*. Lá apresento a escolha do tema, a maneira que foi conduzida à pesquisa, como encontrei o objeto de estudo, elemento essencial ao processo investigativo, o tipo de abordagem, a técnica utilizada, os instrumentos para obter as devidas informações, dentre outros aspectos essenciais ao traçado metodológico.

Por conseguinte, no segundo capítulo, trago *contextualização do Curso de Licenciatura em Educação do Campo* dando visibilidade aos aspectos conceitual, social e histórico desse. Nesse capítulo serão explanados os fatores relevantes da criação do curso no desenvolvimento dessa Licenciatura especial a essa pesquisa.

Seguindo, no *terceiro capítulo*, realizo um *sobrevoos pela comunidade de cajazeiras*, a fim de exibir a comunidade a qual a pesquisa foi realizada, apresentando os aspectos, sócio histórico, político, econômico e educacional da Vila Cajazeiras.

Nessa mesma direção, visando clarificar a pesquisa, apresento o quarto capítulo, *comunidade escolar da vila cajazeiras: processo educacional do campo*, em que se dar visibilidade a caracterização da comunidade escolar, das Escolas Estaduais de Ensino

Fundamental e Médio, Brasil Tropical na Vila Cajazeiras, e, escola Professora Albertina Barreiros na cidade de Itupiranga.

O quinto e último capítulo, nesse tratarei da *docência no/do campo: minha constituição como professora de matemática do campo* em que explanarei as questões que diz respeito à comunidade escolar da Vila Cajazeiras, bem como, as minhas experiências vivenciadas em sala de aula, durante os estágios de observações e regência. Ressalto esse tópico como ápice da pesquisa, porque os assuntos nele destacados foram fundamentais para o meu *construto formativo* destacando a minha *formação inicial* para ser uma *docente de matemática do campo*. Revelo a partir de análises a imbricação do meu envolvimento com a comunidade e a importância para minha constituição docente, como também, para o meu crescimento pessoal, intelectual e profissional, assim como,

E por fim, trago as *considerações: os espaços reflexivos*, destacado aspectos relevantes que se evidenciaram na investigação, tais como: os obstáculos, os sucessos para o encontro significativo ao ensino e aprendizagem de Matemática, bem como, a minha trajetória na/para docência e perspectivas futuras para um novo olhar para o ensino de Matemática em âmbito de Educação do Campo.

I- METODOLOGIA: passos da investigação

A partir da construção dos rumos da pesquisa, o presente trabalho se faz necessário definir o objeto de estudo, pois considero componentes essenciais ao desenvolvimento do processo investigativo. Ao longo dos Tempos Comunidade, realizei pesquisas de campo referente às práticas sociais no âmbito educacional, destacando questões educativas da Vila Cajazeira. Ressalto o processo formativo no exercício de Educador Matemático do campo e seus respectivos sujeitos, sendo estes: educadores, educandos, gestores, toda comunidade escolar.

O tipo de abordagem utilizada na pesquisa se caracterizou como qualitativa, pois “busca investigar e interpretar o caso como um todo orgânico, uma unidade em ação com dinâmica própria, mas que guarda forte relação com seu entorno ou contexto sociocultural” (FIORENTINI, 2006, p. 110-111). A partir dessa afirmação entendo que o investigador carece interagir mais com os sujeitos envolvidos na pesquisa a fim de compreender a lógica de suas vivências no tempo e espaço do meio social em que vivem/vivemos.

A técnica utilizada nessa pesquisa foi do tipo História de Vida. De acordo com Lakatos e Marconi (1991), História de vida tenta obter dados relativos à experiência pessoal de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto de estudo. Ainda com as autoras (1999), tanto métodos, quanto técnicas de pesquisa devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas, ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato.

A escolha da investigação partiu das inserções empíricas e das análises dos dados produzidos e construídos em Tempos Comunidade, assim como, discutidos e teorizados em Tempos Universidade, de modo a observar o foco principal das referidas pesquisas caracterizadas como práticas docentes e discentes no campo, nos diversos aspectos relativos ao processo de ensino e aprendizagem. Considerando a relevância das narrativas orais, a historicidade dos sujeitos, a dinâmica social da comunidade, nos aspectos sócio-político-econômico como elementos essenciais para a construção da pesquisa.

Partindo desse pressuposto corroborando com Santos (2007, p.85) “a ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento”. Nessa exposição compreendo que para destacar os conhecimentos científicos, carece mesclar a minha fala, as falas dos sujeitos, com os teóricos. Por isso a importância de dialogar com os diferentes sujeitos, fazendo um paralelo entre conhecimento empírico e científico. Além disso, enfatizo

as práticas e as vivências da minha comunidade – Vila Cajazeiras – por enxergar possibilidades de teorizar as questões observadas com o auxílio do universo acadêmico.

Com relação aos instrumentos utilizados para realizar a pesquisa, em primeira mão fiz uso dos relatórios² sócio educacional produzido ao longo do Tempo-Espaço Localidade (Tempo Comunidade – TC) sendo que para a construção desses foi necessário dialogar com os sujeitos por meio da oralidade, o uso do gravador de voz auxiliou bastante na aquisição de mais conhecimentos, o diário de bordo para as respectivas anotações, a câmera fotográfica para registrar locais e momentos inerentes à pesquisa.

Para realizar as pesquisas dos Tempos Comunidade, iniciei a partir da construção do projeto de intervenção no Tempo-Espaço Universidade (Tempo-Escola TE) feito isso, fiz uma investigação sobre a origem da Vila Cajazeiras, com o intuito de conhecer a história da localidade a qual vivo a 33 (trinta e três) anos. No entanto para encontrar as possíveis respostas das quais formulei, dialoguei com alguns dos primeiros moradores, onde tive a oportunidade de conversar com um ex-prefeito do Município de Itupiranga, sendo ele o idealizador da referida vila. Sobre a criação da Vila Cajazeiras, diz:

Ali ao lado duma representação do INCRA, tinha dois ou três barracões que dava sustentação ao INCRA, eu me simpatizei daquela região para instalar um povoado e de forma que ali chegando vi que tudo estava abandonado, as casas do INCRA, já caíndo, delas com goteira e enfim [...] deterioradas mesmo. Como eu tinha ideia de organizar alguns povoados do Município, eu tentei e cheguei ao INCRA, repartição exatamente direcionava aquele pequeno povoado com três casas, de forma que eu disse a ele o motivo, porque eu me apresentei como prefeito de Itupiranga pela segunda vez e que, meu interesse era fazer um povoado ali. Então eles acharam por bem abrir mão, na semana seguinte entrei logo com a petição pedindo ao INCRA, que me cedesse à área, me cedeu, mas, já com o nome exatamente Cajarana do Rio Cajazeiras (João Brasil. 2010).

Nesta fala compreendo como aconteceram os primeiros passos da formação da Vila Cajazeiras. Mas aparece um fato curioso, refere-se à denominação inicial da vila, que seria Cajarana do Rio Cajazeiras, isso intrigou alguns moradores por não apreciarem o referido nome, em contrapartida nomearam de Cajazeiras. Assim sendo, esse [nome] prevalece desde a década de 80, até os dias atuais.

Após produzir o apanhado do contexto histórico social da Vila Cajazeiras, investiguei sobre prática educativa escolar e não escolar da comunidade, entretanto encontrei atividades

² Relatórios das pesquisas de campo sócio educativas realizados em Sete Tempos-Comunidade os mesmos serviram de base para a construção do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

diversas no campo educacional. Quanto às práticas educativas formais, dialoguei com membros das escolas estadual e municipal, assim como Pró-Jovem Rural e Urbano, PSB-Idoso (Proteção Básica ao Idoso), pois esses três últimos são programas assistenciais do Governo Federal administrado pelo município de Itupiranga. Por conseguinte conheci uma infinidade de práticas educativas não formais, como: escolinha infantil de futebol, educação religiosa em igrejas com cultos e crenças diversas.

Além disso, me detive nas questões dos meios produtivos da Vila Cajazeiras, tendo como foco principal ao extrativismo da madeira, que tem sido a principal fonte de renda da comunidade, enfatizando saberes, culturas e identidades dos povos desta localidade. Na sequência trago assuntos que assim como os outros são de extrema importância ao âmbito da pesquisa, bem como, as experiências vividas e vivenciadas em sala de aula, por educadores e educandos, durante os estágios³ de observação e docência. Assim como discussões sobre currículo, conteúdos e comportamentos atitudinais, procedimentais e conceituais da prática docente, dentre outros.

Para a concretização dos estágios de observação e regência, estagiei em duas escolas estaduais, sendo uma na Vila Cajazeiras e a outra na sede do Município de Itupiranga. A escolha de outra escola para estagiar fora da comunidade, contrário ao local das pesquisas de campo, aconteceu devido a incompatibilidade de tempo com relação às aulas de Matemática nos períodos diferente dos tempos-comunidades.

Pois, na Vila Cajazeiras o Ensino Médio na Escola Estadual “Brasil Tropical”, funciona através do SOME (Sistema Modular de Ensino) esse sistema de ensino é de responsabilidade da SEDUC (Secretaria Estadual de Educação), para o envio de educadores aos municípios paraenses aonde acontece esse tipo de ensino. Mas, devido à carência de educadores do Ensino da Matemática no Estado do Pará, assim como em vários estados brasileiros, a referida secretaria não tem uma quantia adequada de educadores para atender a grande demanda de escolas localizadas nos municípios onde funciona o referido sistema de ensino. Assim sendo, nem sempre a disciplina citada se realiza em datas previstas nas instituições escolares, assim como na Vila Cajazeiras.

Mediante as dificuldades apresentadas anteriormente, os estágios de observação e docência foram desenvolvidos da seguinte maneira: - o primeiro e o segundo Estágios de

³ Os estágios no curso de Licenciatura em Educação do Campo têm por objetivo articular e integrar as atividades de formação dos estudantes no tempo-universidade com as atividades no tempo-localidade

Observação foram realizados na Escola “Brasil Tropical” na Vila Cajazeiras em turmas do 6º ano a 8ª série, vale lembrar que nessa escola o Ensino Fundamental de nove anos está se constituindo de forma gradativa, ainda prevalece o sistema de séries, - o terceiro e o quarto Estágio Docência aconteceu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof.^a Albertina Barreiros na cidade de Itupiranga.

Nesse sentido, é relevante apresentar onde, como e porque esse percurso de formação inicial docente para o campo foi pensado em contexto acadêmico. Para tanto, a seguir, trago a contextualização do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

II- LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: contextualização do curso

A criação de um curso de Licenciatura em Educação do Campo faz parte de uma ação mais ampla do Ministério da Educação (MEC), iniciada em 2003, para promoção da política nacional de educação do campo. Essa política vem sendo formulada pela atual Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), através da Coordenação Geral de Educação do Campo (CGED) e do Grupo de Trabalho Permanente de Educação do Campo (GPT). (PPC, 2014, p.4). [...] A partir do acúmulo conquistado por esta construção histórica, afirmada pela parceria entre universidade e movimentos sociais do campo, é que se propõe o Curso de Licenciatura em Educação do Campo funcionando desde 2009 com turmas orientadas pela alternância pedagógica e que se materializa seu funcionamento em períodos letivos intervalares (Janeiro-Fevereiro e Julho-Agosto) na universidade (Idem, 2014, p.12).

2.1. Forma de ingresso

A forma de ingresso dos educandos do curso vem sendo realizada desde o ano de 2009 via Processo Seletivo Especial (PSE) em duas fases coordenadas pelo CEPS/UFPA e pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo/Campus Universitário de Marabá. Essa forma de ingresso ainda se mantém após a criação da UNIFESSPA. Uma primeira fase contando com a realização pelos candidatos de uma prova de Conhecimentos Gerais e Redação que versa sobre o conteúdo programático do Ensino Médio e coordenada pelo Centro de Processo Seletivo (CEPS) da UFPA e uma segunda fase qualitativa de entrevistas presenciais com os aprovados na primeira fase coordenada pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo/Campus universitário de Marabá (PPC, 2014, p.13).

2.2 Turnos de funcionamento

O turno de funcionamento do curso obedece a Resolução N° 3.633 de 18 de Fevereiro de 2008 que aprova o Regulamento de Ensino de Graduação no âmbito da UFPA e funcionará em turno integral nos turnos matutino e vespertino em consonância com o artigo 98 do Regulamento de Ensino de Graduação da UFPA (Idem, 2014, p.13).

2.3 Modalidade de oferta

A modalidade de oferta ocorrerá em regime presencial, tendo a alternância pedagógica como um dos princípios orientadores da formação, onde os educandos terão atividades acadêmicas presenciais (TE – Tempo Escola) ao longo dos meses de Janeiro-Fevereiro e Julho-Agosto e realizarão atividades de docência-pesquisa e atividades complementares ao longo dos meses de Março-Junho e Setembro-Dezembro (TC – Tempo Comunidade). (Idem, 2014, p.13).

2.4 Um pouco de história: a LPEC no Campus de Marabá

O Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo em Marabá foi criado com o intuito de propiciar aos educadores do campo uma formação profissional voltada aos docentes originários de localidades rurais (campo). No Projeto de criação do curso (PCC) objetivam-se a preparar profissionais para atuar no campo, e que o mesmo não abandone as suas origens tendo que morar na cidade, com a finalidade de proporcionar ao educador uma formação profissional continuada que o habilite ao fortalecimento da competência, da criticidade e da produção de conhecimentos dos sujeitos do campo. Para intensificar apresentam o artigo 1º da Resolução n. 3846/2009, que dista:

o objetivo do curso de graduação em Licenciatura Plena em Educação do Campo é preparar educadores para uma atuação profissional específica junto às populações que trabalham e vivem no e do campo, o que inclui a docência e a gestão dos processos educativos na escola do campo e no seu entorno, construindo novas bases de organização do trabalho escolar e pedagógico, a partir de estratégias de formação para a docência multidisciplinar em uma organização curricular por áreas do conhecimento.

A partir do que está exposto nesse documento institucional, entendo que o curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo é direcionado aos sujeitos do campo para oportunizar e valorizar o conhecimento sócio cultural e econômico, assim como permitir a elaboração de um currículo específico envolvendo esses sujeitos. Nesse currículo o educador do campo será preparado para atuar em sala de aula por área de conhecimentos e não por disciplina em separado, como acontece nos cursos contrários a Licenciatura em Educação do Campo.

Seguindo a mesma linha de raciocínio do parágrafo anterior, o curso de licenciatura em Educação do Campo surgiu da necessidade dos camponeses advindo de lutas de movimento sociais em busca de resgatar suas origens, seus costumes, assim como a valoração

e o respeito às diversidades culturais dos povos que vivem no campo. O curso oportuniza aos moradores rurais a conhecerem meios de modificar a triste realidade do âmbito educacional em que são submetidos a conhecerem um modelo de ensino voltado as pessoas que vivem na cidade, sendo esse aplicado de maneira descontextualizada de suas realidades.

Nesse sentido Caldart (2007, p.71) aponta que,

a Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade.

Além disso, Caldart (2007, p.74) diz que “há um detalhe muito importante no entendimento de Educação do Campo: o campo não é qualquer particularidade, nem uma particularidade menor”. Assim entendo que os camponeses são em grande parte a população do país, também são os trabalhadores responsáveis pelos processos produtivos que alicerçam a sustentabilidade da vida humana. Por isso é de suma importância que as políticas públicas desse país tenham um olhar especial aos povos do campo, principalmente no que se refere a valorização ao trabalho, cultura e educação. E que os recursos destinados aos povos do campo sejam aplicados de fato nos seus locais de origem.

Sobre a formação acadêmica profissional atribuída aos camponeses, entendo a importância de reconhecer e valorizar o conhecimento sócio cultural e econômico dos povos do campo. Lembrando que para os camponeses conquistarem um espaço no universo acadêmico, não foi nada fácil, nem de uma hora pra outra, essa conquista é fruto de um longo processo originado das incansáveis lutas de pessoas unidas em busca de seus direitos básicos de cidadãos, como adquirir um pedaço de chão para ter o próprio sustento, moradia digna, escola, dentre outros.

2.5 Habilitação

Marcado os princípios que norteiam o curso é posto em destaque que o mesmo compreende-se de quatro áreas de conhecimento e que formam as habilitações oferecidas no curso, quais sejam: Linguagens, Artes e Literatura (LAL), Ciências Agrárias e da Natureza

(CAN), Ciências Humanas e Sociais (CHS), Ciências Matemáticas e Sistemas de Informação (CMSI), (PCC/LPEC, 2008, p.3).

Essa organização por áreas conhecimento, também permite que os alunos optem por uma das habilitações o curso de Licenciatura em Educação do Campo que tem a perspectiva de uma formação de professores de caráter multidisciplinar. De acordo com essa proposta significa dizer que a escolha das habilitações não implica ruptura com as demais áreas de conhecimento. Pois as mesmas são perpassadas e trabalhadas a partir de eixos temáticos, sejam eles: “Sociedade, Estado, Movimentos Sociais e Ciência”, “Educação do Campo”, “Saberes, Culturas e identidades”, “Sistema familiares de Produção”, “Campo, Territorialidade e Sustentabilidade”. (Ibid. 2008, p.3)

Compreende-se de momentos e elementos do percurso formativo: Alternância Pedagógica; Plano de Estudo, Pesquisa e Trabalho Acadêmico; Pesquisa Sócio Educacional; o Tempo Localidade; os Grupos de Estudos, Pesquisa e Trabalhos Acadêmicos; Seminários de Pesquisa, Estudo e Trabalho Integrado; Sessões de Estudos do Núcleo Comum; Sessões de Estudos do Núcleo Específico; Seminários Temáticos sobre Elaboração de Projetos de Pesquisa; Estágio Docência; Diagnóstico sociocultural, ambiental e econômico de comunidades camponesas e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC1 (Idem, 2008, p.3).

Hoje o atual PPC 2014 (Projeto Pedagógico do Curso) de Licenciatura em Educação do Campo, antes PCC 2008 (Projeto de Criação do Curso) de Licenciatura Plena em Educação do Campo – LPEC traz algumas mudanças, a saber: com relação às quatro áreas de conhecimentos específicos ao referido curso, ora apresentada nesse capítulo, houve modificações nas denominações das áreas aqui presentes. CMSI (Ciências Matemática e Sistema de Informação) para MAT (Matemática); LAL (Linguagem arte e Literatura) para LL (Linguagem e Literatura).

O curso está estruturado em quatro áreas de conhecimento, tendo o exercício e a busca da interdisciplinaridade como princípio pautado para a formação dos educandos. As quatro áreas específicas são as de Ciências Humanas e Sociais (CHS), Ciências Agrárias e da Natureza (CAN); Letras e Linguagens (LL) e Matemática (MAT), tendo como disciplinas de referência a Geografia, História e Sociologia, no caso da área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais; Física, Química e Biologia, para as Ciências Agrárias e da Natureza; Português, Literatura e Redação, para as Letras e Linguagens e Matemática para área de Matemática, almejando-se assim que os educandos estejam habilitados a trabalhar

os conteúdos e construir currículos que deem conta dos 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental e o Ensino Médio (PPC, 2014, p.14).

Porém a estruturação desse curso advém de lutas e necessidades da comunidade campesina, tanto em questões sociais, culturais, políticas, econômicas, assim como as questões científicas em contexto acadêmico. Diante disso cabe apresentar a minha comunidade, lugar onde firmo meu compromisso com a educação escolarizada.

III- SOBREVIVO PELA COMUNIDADE DE CAJAZEIRAS

3.1 Contextualização da Vila Cajazeiras

Em 12 de maio de 1980, foi criado pelo Sr. João Brasil Monteiro, prefeito do Município de Itupiranga, um povoado inicialmente denominado Cajarana do Rio Cajazeiras, depois conhecido como Cajazeiras. Situa-se ao norte da cidade de Itupiranga no quilômetro 66, a beira da Rodovia Transamazônica BR-230, rumo Marabá/Altamira, ficando a 30 quilômetros da sede de Itupiranga, com uma população estimada ou superior a 15 mil habitantes com um quantitativo de eleitores superior a 5.207, dividido entre Cajazeiras (distrito) e as vilas pertencentes em seu entorno: Jovem Crelândia, Grotão da Onça, Boa Esperança, Vila da Saúde, Vila do quilômetro 95-estrada velha, Vila Santo Antonino, São Brás e Uirapuru. Sobre a criação desse povoado João Brasil diz:

Ali ao lado duma representação do INCRA, tinha dois ou três barracões que dava sustentação ao INCRA, eu me simpatizei daquela região para instalar um povoado e de forma que ali chegando vi que tudo estava abandonado, as casas do INCRA, já caindo, delas com goteira e enfim [...] deterioradas mesmo, como eu tinha ideia de se organizar alguns povoados do Município, eu tentei e cheguei ao INCRA, repartição que exatamente direcionava aquele pequeno povoado com três casas, de forma que eu disse a ele o motivo, porque eu me apresentei como prefeito de Itupiranga pela segunda vez e que meu interesse era fazer um povoado ali. Então eles acharam por bem abrir mão, na semana seguinte entrei logo com a petição pedindo ao INCRA que me cedesse à área, me cedeu, mas, já com o nome exatamente Cajarana do Rio Cajazeiras [...] (2010).

Nesta fala expõe um episódio que julgo importante, porém se trata da primeira nomeação dado a este povoado, Cajarana do Rio Cajazeiras, a origem desse nome advém da grande quantidade de pés de cajás existente na beira do rio. Mas com o crescimento populacional da vila, foi surgindo divergência por parte de moradores influentes ao meio político, de modo que ficaram insatisfeitos com o referido nome, em contrapartida passaram chamar a vila de Cajazeiras.

A Vila Cajazeiras foi constituída no ano de 1980, com a finalidade de acolher famílias desabrigadas pelas águas em consequência da construção da UHT (Usina Hidrelétrica de Tucuruí). De modo que parte da população que reside nesta vila é oriunda de localidades situada as margens do Rio Tocantins, as quais foram expropriadas pela Eletronorte, tendo que deixar seu local de origem para se fixarem em outras regiões, boa parte residem em Cajazeiras, quanto aos demais, migraram para outros Municípios paraenses.

Antes mesmo de ser ocupado pela população, o espaço onde hoje está localizada, a Vila Cajazeiras havia sido reservado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) uma área de 200 (duzentos) hectares, medindo 1000 (mil) metros de frente e fundo por 2000 (dois mil) metros de laterais. [...] Com todo esse processo de colonização do INCRA na Transamazônica, contribui para que no início da década de 70, surgissem as primeiras casas a qual deram início ao pequeno povoado por nome de “Cajazeiras”, hoje denominado Distrito do Município de Itupiranga, situado à margem direita da Rodovia Transamazônica a 65 km de Marabá, sentido Altamira. (SOARES, 2005, p.21).



Figura 1 – Antiga área reservada ao INCRA, década de 80.
Fonte: Pesquisa Sócio Educacional, 02/11/2010.



Figura 2 – Única das três casas do INCRA da década de 80.
Fonte: Pesquisa Sócio Educacional, 02/11/2010.

Estas imagens retratam sobre as primeiras casas construídas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) na década de 80 na Vila Cajazeiras, das três casas há somente uma em seu formato original. Acontece que esses imóveis de propriedade do INCRA, foram doados pela Prefeitura Municipal de Itupiranga, mas as pessoas beneficiadas venderam-nas para outros proprietários, depois disso dois destes imóveis foram reconstruídos como aparece na figura 2. Contribuindo, um dos primeiros moradores da Vila Cajazeiras comenta:

o motivo da nossa vinda foi exploração, que estavam abrindo a transamazônica e o motivo [...] a gente novo, tentar ganhar um troco e chegamos aqui encontramos apoio. O Dr. Abeloides que era o presidente do INCRA, nos forneceu o lote, serramos a madeira de colonização, trabalhamos dois anos serrando madeira para o INCRA, depois eles liberaram para nós trabalhar por nossa conta. Aqui no local só tinha a colonização e os funcionários do INCRA que moravam num barracão da estrada do hoje Cajazeiras, depois o INCRA trouxe farmácia e a COBAL (M.B, 2010).

Esta fala mostra que esse morador assim como muitos migrantes deixaram sua terra de origem, em busca de melhores condições de trabalho. Isso ocorreu devido à promessa do Governo Federal de expandir a região norte por meio de moradores em vários setores da rodovia transamazônica.

A intenção do governo era incentivar a migração dos nordestinos para as comunidades que seriam construídas ao longo da rodovia, no entanto, em virtude da falta de Planejamento Nacional (por parte do governo), os planos não chegaram a ter êxito, apenas algumas vilas surgiram, como é o caso da Vila Cajazeiras. Soares (2005, p.20) esclarece que, “a Rodovia Transamazônica integraria a região norte com as demais regiões do país. Mas, isso jamais aconteceu como estava previsto nos papéis, a estrada não chegou a sua conclusão [...]. Em período de chuvas a trafegabilidade na rodovia fica praticamente impossível, lamas, buracos e engarrafamentos quilométricos são cenas comuns nessa época do ano [...]”. (SOARES, 2005, p.20).

Enfatizo que a partir do ano de 2014, a rodovia transamazônica aos poucos está sendo pavimentada, como vemos nos noticiários, alguns trechos que liga Marabá a Altamira já foi concluída, em específico destaque os segmentos de Marabá a Cajazeiras com 66 quilômetros de distância, desses faltaram aproximadamente quatro quilômetros para o asfalto chegar nesta localidade. Apesar disso, contribuiu bastante no que diz respeito ao tráfego de um local ao outro, pois diminuiu o percurso que fazíamos da vila a cidade, sem falar nos transtornos que éramos acometidos durante o período chuvoso, como citado anteriormente.

3.2 Registro histórico da Vila Cajazeiras: dificuldades em decorrência do difícil acesso a Rodovia Transamazônica

Na década de 70, os primeiros moradores da Vila Cajazeiras tiveram inúmeros problemas para suprir suas necessidades básicas, dentre muitos, destaque as precárias condições de acesso a rodovia Transamazônica, em decorrência disso, as famílias ficavam incapacitadas de ir a cidade para comprar mantimentos, remédios, entre outras coisas. Essa situação deplorável aconteceu devido ao fracasso do projeto de colonização do INCRA. Assim, conforme dispõe a revista Veja (2009):

O projeto de colonização do regime militar previa a criação de agrovilas, pequenas comunidades na beira da Transamazônica. No papel, cada uma teria 64 famílias, escola, igreja ecumênica, posto médico e pequeno

comércio. Umhas poucas agrovilas prosperaram e se tornaram cidades, como Rurópolis (VEJA 09/2009).

A partir do ano de 1974, o projeto oficial de colonização da Transamazônica foi praticamente abandonado. O governo retirou quase todos os órgãos de apoio aos colonos, deixando-os a mercê da própria sorte: as estradas intransitáveis sem incentivo agrícola, sem escolas para os filhos, distantes de postos de saúde e dos estabelecimentos comerciais. Encontravam-se totalmente isolados, principalmente no período chuvoso que se estendia por mais de seis meses (SILVA, 2008).

No entanto, os moradores da Vila Cajazeiras assim como muitos outros que na época se encontravam na mesma situação, sentiram na pele as consequências de um planejamento mal sucedido do Governo Federal. Sobre o referido assunto relata uma moradora de Cajazeiras: “logo que chegaram [a Cajazeiras], viveram momentos difíceis por não ter aonde comprar alimentos e remédios, melhorou após a criação de porcos, galinhas, o plantio de hortaliças e aos poucos foram surgindo outros meios de sobrevivência”. Para essa discussão trago Silva (2008, p.73) quando se refere ao meio de sobrevivência em momentos iniciais da formação do município.

[...] as famílias que se instalaram nessas áreas criaram mecanismos de organização social e de produção pautadas nas experiências que traziam de seus lugares de origem e de acordo com o contexto político e social no qual foram/estavam inseridos. Daí a importância de considerar a diversidade de experiências e dos arranjos familiares que se instituíram no processo de colonização dessa região da Transamazônica (SILVA, 2008, p.73).

Seguindo nessa direção, apresento os inúmeros problemas os quais passaram os primeiros moradores de Cajazeiras em virtude da falta do assistencialismo por parte do Governo Federal, dentre muitos destaco: a falta de transporte, pois os únicos que tinham eram os carros do INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária), muitas das viagens em busca de suprimentos eram feitas a pé, a malária era uma doença que assolava a região, de modo que para levar um doente a Marabá local de tratamento mais próximo, teria que pôr um pano vermelho na porta da casa e aguardar um carro do INCRA. Depois de algum tempo, chegou a Vila Cajazeiras o Sr. José Freitas conhecido como “Fiote”, proprietário de um caminhão Chevrolet, onde transportava passageiros do km 72 à Marabá.

Além disso, a escola construída pelo INCRA logo se deteriorou, sobre isso, serei mais enfática no próximo capítulo, especificamente no item referente ao histórico da Escola Estadual Brasil Tropical. Quanto aos alunos que precisavam estudar na cidade de

Itupiranga e eram transportados em um caminhão usado em guerra, doado pelos Estados Unidos e tinha um apelido engraçado: “mondrongo”.

Como mencionado anteriormente, a malária era uma doença que dificultava muito a vida dos moradores de Cajazeiras e região, e, Marabá era o local mais próximo que tinha o aparelho que identificava a doença. Perante essa dificuldade, principalmente quanto ao deslocamento, a comunidade se reuniu e comprou o referido aparelho, isto no ano de 1980.

3.3 Aumento demográfico na Vila Cajazeiras: estrutura social, política e econômica

A partir do ano de 1982, a Vila Cajazeiras passou por importantes modificações, ocorre que, em virtude da construção da UHT (Usina Hidrelétrica de Tucuruí) aumentou bastante o número de habitantes nesta localidade. Essas mudanças aconteceram em decorrência da migração da população ribeirinha, inclusive as que residiam em Jatobal, e Ipixuna.

Ainda no ano de 1982 no mês de junho, foi inaugurado a 1ª Igreja Católica de Cajazeiras denominada de São Pedro e São Miguel, o motivo dos dois santos padroeiros, se deu após a vinda de moradores de Ipixuna, que juntamente trouxeram consigo São Miguel o santo padroeiro de sua comunidade. Portanto, São Miguel foi recebido pelos devotos da comunidade católica de São Pedro às margens do rio Cajazeiras, em procissão o santo foi conduzido até a Igreja. Nessa mesma direção, simultaneamente surgiram outras doutrinas religiosas.

Em 1986, a população cajazeirense aumentou de forma expressiva, isso graças à chegada de migrantes de várias estados brasileiros, dentre muitos, destaco os estados do Espírito Santo e Paraná. No entanto o que levou a vinda desses migrantes a esta vila, foi a grande concentração de madeira na região, a facilidade em adquirir terras para a criação do rebanho bovino, também, pela grande demanda de trabalhadores no ramo da madeira e da agropecuária. Nessa mesma época, com o surgimento da energia elétrica a população de Cajazeiras se reuniu e compraram uma antena parabólica para o uso comunitário. Atualmente esta comunidade foi beneficiada com o programa “luz para todos”, trata-se de um benefício concedido pelo Governo Federal, destinado exclusivamente aos camponeses que residem no entorno da Vila Cajazeiras.

Partindo disso, com o aumento populacional desenfreado, a vila Cajazeiras se formou rapidamente, sem nenhuma infraestrutura necessária ao bem estar dessa população. Mas, depois de muitas reivindicações aos administradores desta localidade,

aos poucos está se desenvolvendo. Atualmente esta vila conta com algumas ruas calçadas, duas praças, uma unidade de saúde avançada, onde funciona o posto da SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública) atual FUNASA (Fundação Nacional de Saúde), um ginásio poliesportivo, uma creche municipal em fase de construção, rede de tratamento de água e esgoto (obra ainda não concluída).

Também há duas escolas, uma municipal e outra estadual, que atende alunos da Educação Infantil às séries/ano iniciais do Ensino Fundamental ao 3^a ano do Ensino Médio Modular; posto do correio; núcleo de Assistência Social, e campo de futebol. Assim, à medida que a vila foi crescendo, as construções que antes eram de madeira, em grande parte já estão sendo substituídas por edificações de alvenaria.

Mas, com a crescente aplicação de multas às serrarias pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) a economia ficou abalada, em consequência disso, aumentou o desemprego na vila Cajazeiras.

3.4 Manifestações culturais na Vila Cajazeiras

Apresento uma sinopse dos eventos realizados anualmente pela comunidade de Cajazeiras, por compreender que a comunidade se construiu/constituiu da cultura que (re)significa para si e o que isso influencia na vida dos moradores. Inicialmente apresento a gincana beneficente, o único evento reconhecido oficialmente no calendário cultural do município de Itupiranga. Realiza-se no mês de maio, no corrente ano completou 16 anos de existência, denomina-se Gincana Beneficente "Professor Carlos Benedito", o objetivo principal, angariar alimentos as famílias carentes, bem como, promover momentos de lazer e entretenimentos aos moradores locais, e visitantes. A maratona aparece como um dos momentos de suma importância e bastante esperado pelos expectadores, contudo, iniciou bem antes da gincana, então ficou conhecida pela participação de atletas da região e de municípios vizinhos.

Por conseguinte exponho as festas juninas da Vila Cajazeiras, são realizadas pelas escolas, Igreja e por pessoas particulares, as mesmas são muito prestigiadas pela comunidade e seu entorno. Também, nos meses de Junho, Setembro, Maio e Dezembro são comemorados as festividades religiosas dos padroeiros da Comunidade São Pedro e São Miguel (igreja mãe), Nossa Senhora de Fátima e Santa Luzia (capelinha).

Seguindo nessa direção, temos o Baile do Havaí no mês de Outubro, festa esperada com muita ansiedade, pela comunidade e demais regiões, "O Baile do Havaí" no

corrente ano completa 19 anos. A partir daí, mostrarei com riqueza de detalhes alguns desses eventos ora apresentado.

3.5. Gincana Beneficente de Cajazeiras

No dia 1º de maio de 1991 iniciou-se a 1ª Maratona de Cajazeiras, organizada por um grupo de jovens, porém a partir dessa data, o evento acontece todos os anos. Mais tarde, os organizadores desse evento perde um de seus líderes no mês de fevereiro no ano de 1998, após seu falecimento, a equipe de organização fez uma homenagem ao amigo e colaborador nomeando a equipe de “Grupo de Organização Professor Carlos Benedito”. Entre os integrantes que mais se destacavam, cito: Paulo Barros, Evandro, Eduardo e o professor Carlos Benedito (in memoriam). Para a realização do primeiro evento contaram com o patrocínio da Eletronorte que contribuiu com veículos e troféus.

O primeiro vencedor da maratona de Cajazeiras foi o jovem Gilton, um funcionário da SUCAM, na época estava fazendo um trabalho de campo acerca de um surto de malária que assolava a comunidade. Ele fez um percurso de 12 quilômetros na rodovia transamazônica, tinha em média uns vinte participantes, que comparando com os dias atuais, o número de concorrentes era bem maior.



Figura 3 – Autoridades municipais em cima de um caminhão madeireiro (palanque improvisado) - 1ª Maratona de Cajazeiras, 1991.
Fonte: Arquivo de família. Edna Souza. 2011.

Essa imagem retrata momento solene da primeira maratona da Vila Cajazeiras, local

onde fizeram um palco improvisado debaixo dos pés de eucaliptos, à beira da Rodovia Transamazônica, mas pelo fato de ser a primeira, não teve muito participante, mesmo assim, esse evento foi bastante animado, contudo essa festividade perdura até os dias atuais. Após cinco anos, os integrantes do “Grupo de Organização Professor Benedito” estimulados pelo professor Valdeci Lima Soares (in memoriam) tiveram a ideia de fazer uma gincana beneficente, com o objetivo de angariar alimentos às famílias carentes da Vila Cajazeiras, também, promoverem entretenimentos à juventude.

Portanto, a primeira gincana beneficente foi realizada no dia 1º de maio de 1996. Os atrativos foram competições diversificadas, como: quiz (jogos de perguntas e respostas), desafios diversos entre equipes, e a maratona. Posteriormente, essa festividade começa no sábado a noite com um culto ecumênico, em seguida, é realizada a festa com bandas de músicas da região, e continua no domingo, logo cedo, com a maratona, assim, segue com as referidas atrações até o anoitecer.

Com relação aos competidores da maratona, houve pessoas de várias regiões; Imperatriz, Marabá, Araguaína, Tucuruí, Parauapebas e Itupiranga. Ênfase o jovem Renato, foi campeão dessa modalidade durante quatro anos, venceu o primeiro campeonato no ano de 1999. A partir disso, o referido maratonista ganhou várias competições estaduais, quais sejam: Marabá, Rondon do Pará, Belém do Pará (Pré Círio), e recentemente em Itupiranga durante o festejo de Santo Antônio o padroeiro da cidade.



Figura 4 – Vencedor da 8ª Maratona de Cajazeiras 1999.
Fonte: Arquivo de família Edna Souza, 2011.



Figura 5 – Modalidade feminina da 8ª Maratona de Cajazeiras, 1999.
Fonte: Arquivo de família, Edna Souza, 2011.

Essas imagens mostram momentos relevantes da maratona de Cajazeiras, essa parte era o ápice da corrida, todos os expectadores aguardavam e aplaudiam a chegada dos

corredores, tanto a modalidade masculina quanto a feminina. Na figura 4, aparece o tetracampeão, Renato, nesse campeonato venceu pela primeira vez.

Vale lembrar que a gincana beneficente de Cajazeiras já é reconhecida no calendário cultural do Município de Itupiranga, pois o evento tem apoio dos empresários e comerciantes da região e dos gestores municipais. Eles contribuem na contratação de bandas musicais, palco, premiações, assim como a participação dos mesmos no referido evento. Ultimamente, essa festividade sofreu algumas modificações, dentre essas, cito, poucos patrocínios e parte da equipe se encontram parcialmente comprometido. Em decorrência disso, pessoas envolvidas temem com essa situação, sobre o assunto P.B diz:

então, já é uma festa que é tradição. Eu acredito que isso deve continuar dos que começou essa gincana, na época eu e o professor Carlos Benedito fomos quem mais enfrentou, eram os organizadores que mais corria, da época só tem eu que participou ativamente. Já mudou mais pessoas, acredito que logo tenho que ser substituído por pessoas mais jovens cheia de ideias pra tocar isso pra frente. Já venho cansado, a frente há tantos anos, eu acredito que logo, logo tenho que passar o bastão pra frente. O que não pode é parar! (2011).

Neste dito, mostra a preocupação com os rumos que nortearão a gincana, ainda mais por se tratar de um evento que vem acontecendo há tanto tempo, apesar de não proceder do mesmo modo, nem com as mesmas pessoas, entendo o quanto esse evento é importante, tanto para quem está à frente, quanto aos expectadores. De um lado algumas famílias carentes são beneficiadas com cesta básica, do outro promove momentos de lazer e entretenimento aos jovens e aos demais participantes, além disso, nesses dias festivos aumenta o fluxo de compra e venda na comunidade.

3.6 Baile do Havaí



Figura 6 - VII Baile do Havaí de Cajazeiras.
Fonte: Arquivo de família, Rosimeire 2011.

Na Vila Cajazeiras acontece desde o ano de 1997 uma festa denominada de Baile do Havaí, cuja denominação devido à caracterização dos participantes com trajes típicos de uma festa havaiana, bem como o ambiente decorado com flores e frutas. As idealizadoras deste evento são: Rosimeire (conhecida como Nania) e, Larissa (filha) e Valdilene uma amiga que posteriormente mudou-se de Cajazeiras, mesmo assim, a festa continuou sendo realizada pelas duas, mãe e filha, e até os dias atuais acontece particularmente com o apoio da própria família.

Além do seu público numeroso, o Baile do Havaí também se destaca pela decoração em estilo tropical deixando o ambiente muito mais agradável e fascinante, tendo como decoradores as pessoas responsáveis pelo evento. Mas, para participar do baile não é obrigatório o traje havaiano, fica a critério dos participantes.

O local aonde aconteceu o primeiro baile foi na Creche Municipal da atual Escola Valdeci Lima Soares. Porém, não foi possível prosseguir no mesmo lugar, devido à criação de uma lei pela promotora do Município de Itupiranga, proibindo a realização de festas em escolas. A partir daí o baile passou a acontecer na Quadra Municipal de Cajazeiras onde é realizado até hoje. Os atrativos do baile são desfiles, premiações ao casal mais caracterizado. Por certo, que a cada ano tem sempre uma nova atração, isso faz com que os expectadores esperem ansiosos ao próximo evento.

Este evento cultural vem crescendo, reúne filhos de Cajazeiras, filhos ausentes, admiradores da localidade, visitantes, familiares e amigos de quem estão à frente da organização. Além disso, um fator relevante é o fluxo econômico gerado pela festa, apesar de acontecer uma vez ao ano é bastante esperada pelos comerciantes.

Vale ressaltar a permanência de pessoas que colaboram para a realização da festa, pois, além da família há uma equipe em média de 15 pessoas que durante anos vem contribuindo com trabalho, esforço e dedicação para a concretização deste evento.

3.7 O meio produtivo na Vila Cajazeiras: extrativismo

Os meios produtivos da Vila Cajazeiras baseiam-se na agricultura, pesca e agropecuária, e as fontes de renda são o extrativismo da madeira e do palmito do açaí, as carvoarias, e o comércio como um todo. É proveniente da própria vila, das redondezas adjacentes e dos diversos estados brasileiros. Ressaltando que dentre as [fontes de renda] desta vila, destaca-se o extrativismo da madeira nas circunvizinhanças e seu desdobramento

nas serrarias locais. De tal forma, que o trabalho com a madeira nessa região tem prevalecido há quatro décadas.

Diante disso, enfatizo a década de 70, foi nesse período que migrantes da região sul, mas especificamente do Estado do Paraná, chegaram a Vila Cajazeiras, com o propósito de trabalhar no ramo da madeira. Logo que se instalaram na região procuraram pessoas ligadas ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária) que lá estavam. Nesse sentido M.B expõe:

O motivo da nossa vinda foi exploração, que estavam abrindo a transamazônica e o motivo [...] a gente novo, tentar ganhar um troco e chegamos aqui encontramos apoio. O Dr. Abeloide que era o presidente do INCRA, nos forneceu o lote, serramos a madeira de colonização, trabalhamos dois anos serrando madeira para o INCRA, depois eles liberaram para nós trabalhar por nossa conta. Aqui no local só tinha a colonização e os funcionários do INCRA que moravam num barracão da estrada do hoje Cajazeiras, depois o INCRA trouxe farmácia e a Cobal (2010).

Com relação à instalação, bem como a denominação da primeira serraria na Vila Cajazeiras, M.B. diz: “O nome da serraria era Madeireira Monte Azul Ltda. o chefe, hoje reside no Novo Repartimento e o coadjuvante era eu. A serraria iniciou no dia 21 de setembro de 1972, foi serrada a primeira tora”. Atualmente na Vila Cajazeiras, estão em funcionamento quatro serrarias, dessas somente uma trabalha em conformidade com as leis ambientais, porém, a serraria pioneira da vila encontra-se parada desde o ano de 2007, a espera da liberação do projeto por parte do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) órgão que permite o licenciamento para a retirada da madeira. Porém o fechamento provisório da referida serraria foi um abalo na economia desta vila, deixando várias famílias desempregadas, com isso, muitas delas se obrigaram a trabalhar nas outras madeireiras ilegais. Sobre o trabalho ilegal das serrarias, a proprietária E.B diz:

acho que do trabalho ilegal é a competição, porque quem trabalha, por exemplo, a serraria que trabalha totalmente ilegal, a despesa dela é bem menor de quem trabalha legal, né [...] Quem trabalha legal fez um projeto teve despesa, as que não são, não tem despesa nenhuma, “nenhuma”, ela tem despesa é claro! Mas, na hora de competir, porque você fez o projeto, a madeira sai muito mais cara. Aí tem a questão do funcionário registrado, a serraria toda documentada, o projeto também que dá despesa, daí essa madeira tem que sair o mesmo preço daquela que trabalha ilegal, que não teve despesa “nenhuma” não paga imposto. E o imposto que você paga? Quando transporta a madeira da mata pra cá, na hora que serra, quanto que, as ilegais não têm esses gastos. (E.B. 2010).

Nesta fala, entendo como é tratada a questão do trabalho legal e ilegal no setor madeireiro. É importante ressaltar que na Vila Cajazeiras, a extração da madeira e a agropecuária tem sido relevante na localidade. Ainda com E.B:

a economia local era as serrarias e escolas. Na época a gente via muita castanha (o fruto) por aqui, lembro que no inverno o pessoal estava sempre comprando. Hoje, já não vê arroz, eu não vejo o povo plantando tanto arroz, antigamente o pessoal plantava mais. Aqui agora, é a agropecuária uma coisa que a gente tem que se falar mais, sai muito gado aqui no Município. Mas, a época que eu vim pra cá mesmo foi a madeira, um pouco de agricultura, mas, o forte mesmo sempre foi a madeira. (E.B. 2010).

A partir desses relatos percebo ainda mais a importância do trabalho com a madeira na Vila Cajazeiras, porque apesar de ter outras fontes de renda nesta localidade, a madeira ainda se destaca de tal forma que permanece há quatro décadas na referida vila. No entanto, essa prática está ameaçada devido à falta de madeira nessa região, por isso, alguns moradores acham que o extrativismo da madeira aqui na vila vai acabar. Com relação ao tempo de trabalho com a madeira nesta localidade, destaco as falas.

A madeira está vindo de longe, até 200 km de distância. Segundo informações de pessoas que trabalham na mata, são derrubadas por dia no total de vinte e cinco árvores e com a retirada desenfreada sem fazer o reflorestamento acredito que no máximo cinco anos (M.D. 2010).

Acho que os madeireiros estão com os dias contados, vai ficar escasso a questão da matéria-prima que é a madeira mesmo. É aquele negócio se a gente tivesse desde cedo trabalhando fazendo manejo, talvez seria muitos anos, é complicado [...] porque a gente não tem muitas áreas assim de florestas de toda a mata que já foi tirada a madeira, tem muita mata, mais não tem a madeira que vai te dar retorno financeiro, tem madeira que não compensa, a madeira que tem comércio pra ela acho que são poucos anos mesmo, talvez uns cinco anos no máximo e olhe lá! (E.B. 2010).

Essas situações relatadas são reflexos da falta de respeito com a floresta, ou seja, nesse tipo de trabalho não há preocupação com o desmatamento, muito menos com as consequências disso. Refletindo sobre essas falas, vejo que passados quatro anos, prestes a concluir o tempo previsto por alguns moradores para o fim do extrativismo da madeira nessa região, penso que será prolongado esse tempo. Pelo visto, essa prática se intensifica cada vez mais, e, de forma irresponsável.

Indo nessa direção, um dado interessante que aparece nos comentários, e precisa ter mais clareza é sobre a forma que está sendo conduzida a extração da madeira, pois se evidencia a importância de fazer o manejo florestal, até mesmo objetivando trabalhar por

muito mais tempo. Acredito que seja a maneira correta de extrair a madeira sem causar prejuízos ao meio ambiente. Assim explica E.B.:

no projeto de manejo, o que você faz? Você vai e derruba a tora que tem comércio que vai ser serrada e fica aquela fina, pois na hora de derrubar você tem todo aquele cuidado de derrubar ela de uma forma que não vá prejudicar as que estão pertos, as mais finas. Quando você não trabalha com esse projeto, vai derrubando tudo, principalmente as que estão fora, que estão em extinção como; a castanha, o mogno, o pau-brasil e o cedro. Quem trabalha ilegal está tirando tudo, quem trabalha com projeto não, ele só pode tirar aquela que está com a plaqueta, aí se você tirar qualquer espécie fora do projeto e for pego você estará cometendo um crime ambiental (E.B. 2010).

Deste modo, esclarece ainda mais sobre o projeto de manejo florestal, compreende a importância desse método, ao contrário disso, a extração da madeira se torna desastrosa, e, certamente a destruição da floresta acontecerá rapidamente. Para intensificar mais ainda o referido assunto, no site Mundo da Sustentabilidade (2009) define o conceito de manejo florestal “é um conjunto de técnicas empregadas para colher cuidadosamente parte das árvores grandes de tal maneira que as menores, a serem colhidas futuramente, sejam protegidas. Com a adoção do manejo a produção de madeira pode ser contínua ao longo dos anos”.

Além disso, há também o manejo de uso múltiplo, para maiores esclarecimento trago Shanley et al. (2010, p.265) que assim explica: “O manejo florestal deve contemplar o uso múltiplo dos recursos, que inclui não apenas a madeira, mas também frutas, caças e plantas medicinais – os chamados produtos florestais não- madeireiros”. A partir dessa explicação, entendo que os madeireiros além de preservar as árvores, para terem o usufruto da madeira, devem ter o cuidado com os inúmeros recursos sustentáveis que advém da mata. Lembrando que, os recursos naturais são necessários para a nossa sobrevivência.

3.8 Impactos ambientais: extração legal e ilegal da madeira na Vila Cajazeiras

Pesquisas recentes tem mostrado que é o conjunto, frequência e intensidade de muitas atividades sem controle que tornam a mata vulnerável. Depois do desmatamento e vários ciclos de corte e queima a mata volta, mas nem sempre com todas as espécies. “As mudanças no uso da terra como extração de madeira, corte e queima e agropecuária funcionam como uma peneira, impedindo a regeneração de várias espécies importantes (SHANLEY P. et al. 2010, p.244). Conversando com alguns madeireiros da Vila Cajazeiras, questionei-os sobre os

impactos ambientais com a retirada da madeira, com o intuito de compreender os aspectos positivos e negativo existentes acerca do referido assunto. Com relação a esse assunto:

hoje o pessoal fala que o madeireiro estraga a mata, não existe isso, quem estraga a mata é o próprio colono, onde ele derriba bota fogo, aquela área não serve pra mais nada. Toda a mata que eu tirei em 2007 pode qualquer pessoa ir lá, hoje só não tem árvore grande aonde elas caiu, onde o trator passou hoje ninguém passa mais, as árvores pequenas já cresceram, já não é mata mais, é juquirá alta, só sabe quem passou máquina ali dentro. Você tira as grandes e nascem mil no lugar, só sabe se tiver os tocos das árvores. Mas, agora o que destrói mesmo a natureza chama-se fogo, os pecuaristas que derriba as árvores grandes e põe fogo (J.A. 2011).

Eu acredito que não causa prejuízos ao meio ambiente, porque a madeira é um benefício que ficou para ser utilizada, a maior causa do problema ambiental aqui é as derrubadas, né..., derrubadas no caso do desmatamento pra roça, pra pastagem. A nossa região se fosse problema só de madeireiro estava intacta. Olha! Essa madeira da nossa região 60%, 70% foi queimada pra fazenda, pra colonização (D.R. 2011).

Tanto no primeiro depoimento quanto no segundo, as ideias se conectam seguindo numa única direção, não olhar para os impactos ambientais. Vejamos, no primeiro caso aponta os sujeitos responsáveis a destruição da mata, quanto ao segundo, mostra os procedimentos e as ‘armas’ utilizadas pelos sujeitos envolvidos, além disso, diz que a madeira é um benefício que ficou pra ser utilizada, vê esse ramo como uma fonte de rendas, um exemplo disso, quando é feito um carregamento de madeira muitos são envolvidos, dentre muitos destaque: o colono, o extrator, o dono da serraria, os empregados, a transportadora, e as indústrias. Nesse sentido, entendo a posição do madeireiro com relação à logística desse comércio, na verdade há dois lados da moeda, o que ‘destrói’ e o que é ‘beneficiado’, de certa forma há um jogo de interesses de ambas as partes.

Apesar de saber que contribui com a destruição a natureza por meio do extrativismo da madeira, moradores de Cajazeiras participam direta ou indiretamente, seja colaborando, ou seja, sentindo na pele as consequências, como é o caso da poluição proveniente das carvoarias, da queima do lixo, dentre outros, tudo isso tem causado sérios problemas de saúde a população, os mais frequentes são: doenças de pele, e problemas respiratórios. Para reforçar essas preocupações, o funcionário de uma serraria diz: “São prejuízos enormes, coisas que não deviam acontecer, mas, está acontecendo, estão destruindo a natureza, com isso empobrece o solo, as chuvas ficam escassas [...], mas por falta de opção de trabalho as pessoas contribuem com isso” (M.D, 2010).

A questão do desmatamento é tão séria, que pessoas que trabalham e conhecem a dinâmica da extração da madeira, são conscientes do mal que causam a natureza, mesmo assim, continuam exercendo essa prática, exemplo disso vemos na citação acima. Muito dessas atitudes são decorrentes da falta de trabalho, infelizmente na Vila Cajazeiras as opções de emprego são mínimas, com isso se veem obrigados a compartilharem desse mal, porque precisam adquirir rendas para o sustento da família.

Mas, de acordo Shanley et al. (2010) pesquisas e estudos científicos mostram, que não é a prática em si do desmatamento que destrói o meio ambiente, e sim a intensidade e a frequência dessa atividade, bem como a maneira que é conduzida. No entanto, para prevenir os danos ocasionados pela extração da madeira o importante é utilizar a técnica do Manejo Florestal [abordado no item 3.5], pois é a maneira ideal e necessária para proteger os recursos naturais, assim como, garantir o desenvolvimento sustentável da humanidade por bastante tempo.

3.9 A luta da população pela independência política e econômica da Vila Cajazeiras

Moradores que hoje reside definitivamente nesta Vila, almejam a emancipação política de Itupiranga, pois, segundo esses, o lugar já tem estrutura produtiva, populacional, econômica e física para tornar-se um Município, e caminhar com suas próprias pernas, e cada dia que passa cresce mais a tensão das pessoas envolvidas em prol da emancipação. Dialogando com o Sr. João Brasil questionei sobre a emancipação na Vila Cajazeiras.

Tô vendo aí nos jornais a tendência né [...] agora eu não sei se os políticos de lá, tão se virando, tão trabalhando procurando deputados para fazer o projeto. Estou por fora disso, porque sem a pretensão e a ajuda dos deputados é difícil, mas, não é impossível, porque tem condição de se transformar numa cidade, agora eu não tive tempo de preparar uma cidade ali. Logo, os deputados alegaram, não sei se vão alegar agora, que era muito perto. Eu viajo nesse país quase todo, quase 60% desse país eu conheço e eu vejo município do Maranhão e do Ceará, não tem vinte quilômetros (20 km) dum pro outro, então, por que não no Pará, a minha boa vontade há sempre no meu coração, que um dia Cajarana do Rio Cajazeiras será também uma cidade (J.B. 2010).

A partir do vasto conhecimento que o Sr. João Brasil tem sobre questões político administrativo, nesse âmbito conhece muito bem os procedimentos para emancipar uma vila distrital, compreendo que para fazer tal processo, o primeiro passo é fazer um projeto apresentando a vila nos aspectos sócios econômicos, para tanto, depende do empenho de políticos da localidade juntamente com deputados estaduais para a realização do mesmo.

Porém para situar o leitor, foi enviado um projeto de criação dos municípios paraenses, para a Assembleia Legislativa do Estado do Pará desde o ano 2000, dentre muitos está inserido a Vila Cajazeiras.

Quanto ao referido projeto ora citado, foi elaborado um processo de criação dos municípios que segundo informações do blog Pelos Corredores do Planalto⁴ (2007) muitos desses processos aguardam por desmembramento pela legislação federal, dentre muitos, inclusive Cajazeiras, o qual dispõe: “Processo n.º000923, de 28/02/2000. Emancipação Político-Administrativa, a categoria de Município, do Distrito de Cajazeiras, a ser desmembrado do Município de Itupiranga - Oeste do Pará”.

Para, além disso, o projeto de lei que prevê a criação de aproximadamente duzentos municípios, inclusive Cajazeiras, já passou pelo Congresso Nacional e foi aprovado pelos deputados e senadores. Mas não foi sancionado pela presidenta, pois segundo relatores desse projeto, seria inviável aos cofres públicos da União. No entanto, o referido projeto já foi vetado por duas vezes, tendo como argumento a reavaliação do mesmo. Corroborando o Jornal a Folha de São Paulo (2015) afirma que: “embora se reconheça a construção de um texto mais criterioso, a proposta não afasta o problema da responsabilidade fiscal na federação”. Assim entendo, que mesmos os distrito a serem emancipados estiverem dentro dos critérios exigidos pela lei federativa do país, não descarta os impactos nas contas públicas, assim como mostra os autores Gomes e MacDowell (2000):

O conjunto de municípios de cada estado brasileiro gasta uma parcela maior de sua receita corrente com o Legislativo que os estados e a União [...]. A transferência de receitas tributárias originadas nos municípios grandes para os municípios pequenos reduz a capacidade das prefeituras das grandes cidades em realizar programas sociais e suprir serviços, como transporte, saneamento, segurança e pesquisa básica, o que reduz, por consequência, os incentivos à produção. Por outro lado, como a maior parte dos recursos recebidos pelos novos municípios destina-se a gastos de pessoal, essa nova alocação de receitas provavelmente não estimula na mesma proporção a produção nos municípios pequenos. (GOMES; MACDOWELL, 2000, p.19-20)

Ainda com os autores:

ênfaticamente que os benefícios diretos da criação de municípios atingem uma pequena parte (não necessariamente a mais pobre) da população brasileira que vive nos pequenos municípios, mas prejudica a maior parte da mesma população, que habita os outros municípios, cujos recursos se tornaram mais escassos. (Idem, 2000, p.20).

⁴ Blog criado por Val André Mutran Disponível:< <http://blogdovalmutran.blogspot.com.br/2007/03/um-novo-mapa.html>> Acesso em: 13 de Fevereiro de 2015.

Compreendo o ponto de vista deste discurso, que se forem criados municípios sem infraestrutura econômica, maiores serão os gastos por parte do governo federal, pois na falta de uma boa arrecadação tributária, certamente as inúmeras despesas com funcionários públicos e demais prestadores de serviço da esfera municipal, serão arcadas pela União. Para explicitar mais, os municípios maiores repassam parte dos recursos federais aos municípios menores, com isso na falta de recursos próprio, dificulta a prestação de serviços à população, como citado acima. Por isso a grande preocupação do governo federal em conceder a criação de tantos municípios.

Além desses critérios apresentados, tem outro fator preponderante que diz respeito diretamente aos interesses da política partidária, pois, o mesmo se estende a sociedade de maneira individual ou coletiva. Contribuindo Silva (2006) afirma que:

a vontade, o desejo, as aspirações política de uma localidade de se transformar em um Município para efetivar ou se tornar realidade tem que percorrer um longo percurso[...] Mas não é suficiente a existência de um consenso majoritário em torno da emancipação, uma vez que essa decisão tem que ser tomada no âmbito do campo político, o qual está sob o monopólio de profissionais, prevalecendo a concentração do capital político nas mãos de um pequeno grupo, em detrimento do desapossamento econômico e cultural da maioria, a população (SILVA, 2006, p.102).

Tal afirmação só vem reforçar o que tinha dito antes, que para Cajazeiras se tornar cidade depende de vários fatores que envolvem o meio político. Pelo que parece o sonho de moradores cajazeirense de ver essa comunidade tornar-se independente do Município de Itupiranga, ainda será protelado, pois no momento não depende somente da comunidade, nem tão pouco dos políticos que estão a frente dessa batalha. Como já foi dito anteriormente, depende da aprovação do Governo Federal. No entanto, quando ocorrerem modificações no cenário político, de modo favorável referente ao processo emancipatório, e nesse tempo Cajazeiras estiver dentro dos critérios exigidos por lei para se constituir uma cidade, certamente o sonho dessa comunidade será realizado.

Refletindo sobre os apanhados históricos da Vila Cajazeiras, pude perceber a relevância da pesquisa investigativa, assim como as contribuições para a minha prática docente nos Anos Iniciais, também ao meu processo formativo como futura educadora de Matemática do campo. Porém, as relações sócio afetivas e interpessoais foram imprescindíveis para aquisição de conhecimentos diversos, inclusive aos de Matemática que estão presente em toda ação humana.

Então, no momento que me propus a escutar, dialogar, interagir, com os diversos atores sociais desta comunidade, aprendi que não posso me excluir, nem tão pouco ser indiferente aos acontecimentos do meio social, no entanto é interessante compartilhar com a minha comunidade desse rico aprendizado que o universo acadêmico me proporcionou, pois entendo que minha vida como moradora, professora e aluna do lugar, está imbricada com minha vida acadêmica-profissional.

IV-COMUNIDADE ESCOLAR DA VILA CAJAZEIRAS: processo educacional do campo

Para realizar os trabalhos de campo dos Tempos-Comunidades IV, V, VI e VII, referentes ao estágio de observação e regência investiguei as escolas estaduais de ensino fundamental e médio, Professora Albertina Barreiros localizada na cidade de Itupiranga e Brasil Tropical na Vila Cajazeiras pertencente ao município da referida cidade. Com relação aos Tempos-Comunidades citados neste parágrafo, são:

- ✓ IV- 1º Estágio Docência: pesquisa-observação nas turmas de 5ª à 8ª séries em que os conteúdos são desenvolvidos;
- ✓ V- 2º Estágio Docência: cultura na comunidade escolar enfatizando os conteúdos matemáticos;
- ✓ VI- 3º Estágio Docência: estágio de observação no ensino médio: práticas pedagógicas no ensino da matemática;
- ✓ VII- 4º Estágio Docência no ensino médio: trabalho e juventude, práticas pedagógicas no ensino da matemática.

Para tanto, cabe apresentar a caracterização da comunidade escolar de uma das escolas investigada, as duas foram de suma importância para a minha formação docente para o ensino da Matemática em contexto campesino. Enfatizo o processo formativo na Escola Brasil Tropical, devido a sua procedência, pois se trata de uma escola situada em uma vila onde boa parte dos moradores tem origem e sobrevivem do campo. Assim como, destaco a Escola Estadual Professora Albertina Barreiros que se localiza na cidade de Itupiranga, mas os alunos que lá estudam são da cidade e do campo, mas especificamente da Agrovila⁵.

⁵ Agrovila s.f. Núcleo populacional instalado à margem de estradas de desbravamento, como a Transamazônica, e destinado a atividades agrícolas. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/agrovila/>> acessado em: 31/01/2015.

4.1 Escola Estadual de Ensino Fundamental “Brasil Tropical”

➤ Histórico da escola

A Escola Brasil Tropical situa-se na Vila Cajazeiras Município Itupiranga no Estado do Pará. Foi inaugurada em Setembro do ano de 1998 pelo governador do Estado do Pará, Almir Gabriel (in memoriam) juntamente com o atual gestor municipal de Itupiranga, prefeito Benjamim Tasca.

A primeira escola da Vila Cajazeiras localizava-se na área de propriedade de A.R. à beira da Rodovia Transamazônica km 65, do lado direito sentido Marabá/Cajazeiras. Foi construída no ano de 1972, pelos moradores: Moacir Barros, Acácio Gomes e Wilson Souza (in memória), Lídio de Mattos, dentre outros. A estrutura física dessa escola era de maneira rústica, barracão coberto com folhas de babaçu, as paredes de folhas de açaí, as carteiras uma tábua em cima de quatro paus fincados no chão.

Depois da construção concluída um dos construtores expôs uma plaqueta com o nome “Escola Brasil Tropical”, observando e refletindo sobre o feito, ele diz: “Olha gente, isso não é o verdadeiro Brasil Tropical!”. Com o passar dos tempos, a escola mudou-se para um barracão improvisado, onde funcionava a única serraria na Vila Cajazeiras. Porém, nesse local eram realizadas missas e celebrações, ora por padres, ora por leigos.

Mais tarde, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), construiu uma nova escola, aproximadamente uns 500 metros distante do antigo barracão escolar. Era conhecido como pré-fabricado, não existia nenhuma forma de conforto, as paredes internas eram de um material tipo isopor, e o teto de zinco.

A Escola Brasil Tropical era direcionada pelas professoras: Eunice Marinho Pereira (in memoriam) supervisora do núcleo rural; Maria Piagno (1ª diretora), contava com duas professoras, as duas se dividiam entre os turnos matutino e vespertino. De igual forma, as serventes Maria Lolita e Etelvina. Quanto às modalidades de ensino ofertada nessa escola era de 1ª a 4ª série.

Partindo disso, o prédio pré-fabricado logo se deteriorou, com isso, pessoas da comunidade juntamente com os donos da serraria construiu um casarão com duas salas e um pátio, esse ambiente era utilizado para realizarem atividades diversas, inclusive as atividades escolares.

Mais adiante, precisamente no ano de 1982, com o crescimento da Vila Cajazeiras, a Escola Brasil Tropical aumentou a demanda de alunos, em face disso, cresceu o número de

professores, dentre muitos, destaco Valdeci Lima Soares (representante da escola), Maria Rosália, Maria do Socorro Linhares (todos três in memoriam).

A modalidade de ensino ofertada na escola Brasil Tropical, desde sua existência, até esse momento ainda permanecia o ensino primário (de 1ª a 4ª série) apesar da grande demanda de alunos, não era suficiente para implantar outras modalidades de ensino. Assim sendo, a referida escola funcionava nos períodos manhã e tarde, simultaneamente divididos com oito turmas. A partir daí, à medida que crescia o número de alunos, ia surgindo outras modalidades, mas especificamente o Ensino Fundamental maior (5ª a 8ª série, atual 6º e 9º ano).

Depois disso, a Escola Brasil Tropical teve várias modificações, seja na estrutura predial, seja nos recursos humanos e materiais, bem como, as constantes mudanças, no que refere ao processo político administrativo. Mas, desde a década de 90, essa instituição vem sendo administrada praticamente pelos mesmos gestores, salvo alguns professores que passaram a contribuir de forma significativa.

Seguindo nessa direção, entre os meados da década de 90 a 2000, foi construído o novo prédio da Escola Brasil Tropical, nesse mesmo período, também foi implantada a modalidade do Ensino Médio, através do Some (Sistema de Organização Modular de Ensino).

4.2 Escola Estadual de 1º e 2º grau “Brasil Tropical”



Figuras 7 e 8 - Entrada e corredor da Escola Estadual Brasil Tropical.
Fonte: Pesquisa Sócio Educacional, 2011.

Estas imagens retratam a estrutura física externa e interna da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Brasil Tropical” Situa-se a Avenida Ipixuna s/nº na Vila Cajazeiras Município de Itupiranga no Estado do Pará, tem terreno próprio, com área de 4.153,5 m² [117m x 35.5 m]; é independente, pois, abrange uma escola da Zona Rural anexa.

A escola é de alvenaria, coberta com telhas de argila, o piso é composto em parte por cerâmica (salas de aula, cozinha, banheiro) e em parte cimentada (corredores, pátio, diretoria, sala dos professores, etc.). Possuem 10 salas de aulas, cada uma mede 8,07 m x 6,40, porém, são pequenas para a quantidade excessiva de alunos que comporta, mas, são bem iluminadas e ventiladas. Ressaltando que no corrente ano a referida escola encontra-se climatizada, isso aconteceu devido à entrada de uma verba do PDE (Programa de Desenvolvimento Escolar) benefício destinado as escolas públicas do Brasil, proveniente do governo federal. O fato é que a mais de vinte anos a referida escola não recebia o referido benefício.

O PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola Estadual “Brasil Tropical” se encontra em fase de construção, mesmo porque os órgãos educacionais do Estado têm urgência em regularizar a situação dessa e das demais escolas que estão na mesma situação. Acredita-se com a regularização, a escola terá uma estrutura mais adequada no que diz respeito aos recursos humanos, materiais e instalação física.

Devido à escola não ser regularizada⁶, ela não tem autonomia de expedir documentos referentes ao Ensino Médio, de forma que o ensino do 2º grau funciona através do SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino), inicialmente essa documentação era feita no Município de Marabá na Escola Estadual de 1º e 2º grau “Plínio Pinheiro”, cidade localizada a 66 quilômetros de distância da Vila Cajazeiras. Atualmente a documentação dos alunos do Ensino Médio é realizada na cidade de Itupiranga, na Escola Estadual Albertina Barreiros.

A Escola Brasil Tropical possui Conselho Escolar, cujos membros são: Edmilson Costa Nunes (presidente); Ivonete da Costa Gomes (secretária); Marilda Formachari de Oliveira (tesoureira); Claudia Helena Barros; (representante dos pais) Irene Pereira da Silva (representante dos alunos); José Orione de Almeida Costa. (representante da comunidade).

Sobre o calendário escolar da Escola Brasil Tropical, não está adequado à realidade do campo, é preparado pela 4ª (URE) Unidade Regional de Ensino na cidade de Marabá, as únicas adaptações feitas pela escola são; as datas comemorativas e os dias festivos dos padroeiros da comunidade. Entretanto contrapõe com as especificidades da realidade campesina, ou seja, não condiz com o que estabelece a Lei nº 9.394/96-LDB (Lei de Diretrizes e Base) em vigência, em seu art.28, quando afirma que:

⁶ A escola é regularizada apenas para atuação no Ensino Fundamental de 1º grau, quanto ao Ensino Médio, funciona através do SOME (Sistema Modular de Ensino).

(...) Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, as peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

II - Organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e condições climáticas;

III - Adequação à natureza do trabalho na zona rural (Art.28).

Nessas circunstâncias, conheço a realidade da Escola Brasil Tropical, apesar do calendário escolar não possuir as adaptações necessárias aos alunos do campo, como visto na citação acima, bem como um currículo voltado as questões escolares do campo. Ainda assim, os alunos não são prejudicados totalmente, digo assim, porque não são reprovados no final do ano letivo mediante as inúmeras faltas as aulas no período da colheita do arroz, nem tão pouco quando há problemas com o transporte escolar, ou a impossibilidade de tráfego nas estradas.

Quanto aos recursos financeiros, a Escola Brasil Tropical recebe apenas dinheiro do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), mas, a partir de 2012 foi contemplado com o



Figura: 9 – Frente da Escola Brasil Tropical antes da reforma.

Fonte: Pesquisa Sócio Educacional, 2013.



Figura: 10 – Frente da Escola Brasil Tropical depois da reforma.

Fonte: Pesquisa Sócio Educacional, 2011.

PDE (Programa de Desenvolvimento Escolar) recurso esse, que a escola não recebia a mais de vinte anos. Já os recursos direcionados à Educação do Campo, não são repassados a essa escola de nenhuma esfera do poder público. A partir disso, a referida escola passou por modificações importantes, tanto na estrutura física, quanto ao bem estar de professores e alunos.

Nessas imagens vemos o antes e o depois da reforma da Escola Brasil Tropical, nota-se a diferença entre ambas, essa mudança é fruto do PDE como explicitado no parágrafo acima. Com relação às atividades realizadas nessa escola, o espaço é aberto para a comunidade local, ou outras instituições escolares, onde são tratados assuntos referentes a comunidade escolar, assim como discutir questões pertinentes a comunidade local.

Sobre a merenda escolar, é comprada na cidade de Itupiranga pela Secretaria Municipal de Educação do Município, do tipo natural e industrializado, mas, as carnes, verduras, polpa de frutas e o pão, provêm da própria comunidade. Na Escola Brasil Tropical, a merenda é servida apenas no turno da manhã, o período de entrega da merenda na escola é duas vezes por semestre. Percebo que a merenda escolar é de boa qualidade, mas, devido não ter funcionários o suficiente para a realização desta, às vezes se faz necessário o repasse da merenda a Escola Municipal Valdeci Lima Soares⁷ para que não haja desperdício da mesma.

Diante⁸ do contexto, verifico que o alimento proporciona a criança em idade escolar, hábitos saudáveis de alimentação que devem ser incentivados e praticados desde a mais tenra idade. É nesta fase da vida que as crianças para darem conta do desenvolvimento (cognitivo, motor, físico), necessitam de substâncias (proteínas, carboidratos, gorduras, vitaminas e sais minerais) contidas nos alimentos.

Estudos⁹ demonstraram que as deficiências nutricionais estão frequentemente associadas às perturbações de aprendizagem e aos problemas cognitivos do aluno. Uma criança bem alimentada chega à escola alegre, disposta, aprende com facilidade; uma com fome, ao contrário, não consegue se concentrar, fica inquieta, nervosa, sonolenta, apática e tem dificuldades de aprendizagem, pois estão mais interessadas na comida servida na merenda que na disciplina dada.

Decerto a merenda escolar é de suma importância ao desenvolvimento escolar e pessoal como um todo, isso em diversos aspectos como visto no parágrafo anterior. Mas às vezes a oferta da mesma fica a desejar, por não ter pessoas o bastante para o preparo deste alimento. Enfatizando que o quadro de funcionários da Escola Brasil Tropical, encontra-se bastante reduzido, inclusive na função de serviço gerais. Porém, os poucos que têm se dedicam de forma admirável.

São evidentes as diversas funções que ocupam alguns funcionários da escola, verifica-se que a direção da mesma se encontra bastante comprometida. Seja nas funções; diretor, professor, agente de portaria, coordenador e orientador (a escola não conta com as duas últimas funções citadas, agente de portaria somente no período noturno).

⁷Escola Municipal de Ensino Fundamental Valdeci Lima Soares, vulgo (Escolinha da Vila) única escola municipal da comunidade de Cajazeiras.

⁸Parágrafo extraído do texto Nossa Dica Nutrição-alimentação merenda escolar. Site: www.nossadica.com/saude_nutricao_merenda_escolar.php.

⁹Parágrafo extraído do site: www.ima.matrix.com.br/mariabene/aprendizadoedesnutricao.htm.

4.3 Obstáculos dos alunos do campo para estudarem na Vila Cajazeiras:

Uma boa parte dos alunos que estudam na Escola Brasil Tropical mora no campo. Eles dependem do transporte escolar para chegar até a escola, mas acontece que devido aos inúmeros problemas a que são acometidos, faltam bastante às aulas. Um dos problemas mais frequentes é o mau funcionamento dos veículos que os trazem: ora o carro quebra na estrada, ora o motorista não aparece. Isso, sem falar na situação da Rodovia Transamazônica que, no período das chuvas, se torna difícil o acesso à escola.

Isso fica evidente nos depoimentos dos alunos do campo sobre as dificuldades encontradas para estudar na Vila Cajazeiras.

O transporte. Ah! Principalmente o nosso ônibus, a estrada também não ajuda. E cansa muito quando a gente chega aqui, mal chega, a gente já almoça cedo pra vim pra cá, aí a gente fica com sentido assim na estrada voltando de novo. É muito difícil as coisas, quando o ônibus quebra é horrível. (Aluna do campo, 2012).

O transporte. Esse ônibus com que nós vem é muito velho, então, pra eu sair de casa eu pego dois transportes escolares e as estradas são muito ruins. Igual teve a greve porque não é asfaltada a transamazônica é muito difícil pra nós, à poeira, a gente adocece. O transporte não é adequado pra gente não pegar poeira, os vidros do carro são tudo quebrados. Quando é época de chuva nós já chegou nessa escola 3 horas, só assiste aula depois do recreio (Aluna do campo, 2012).

Esses relatos traduzem a realidade as quais os alunos do campo enfrentam para estudar na Vila Cajazeiras. Sobre o referido assunto trago contribuições de suma importância no que diz respeito à nucleação vinculada ao transporte escolar, pois se trata diretamente dos problemas de alunos que moram no campo, assim como esses de que vos apresento. Sobre o processo da nucleação escolar, Hage (2010) esclarece que:

a existência de um número muito extenso de escolas, associada a dispersão de localização das mesmas e o atendimento reduzido do número de estudantes por escola tem levado os gestores públicos a adotar, como estratégias mais frequente, a política de nucleação dessas escolas vinculadas ao transporte escolar, resultando no fechamento das escolas nas pequenas comunidades rurais e transferência dos estudantes para escolas localizadas em comunidades rurais mais populosas (sentido campo-campo) ou para a sede dos municípios (sentido campo-cidade). (HAGE, 2010, p.6).

A partir dessa constatação entendo que a política de nucleação é uma forma de poupar os cofres públicos municipais, porque com a redução de escolas, diminui uma infinidade de

despesas com funcionários e manutenção de escolas, como: recursos humanos e materiais, instalação física predial e manutenção das mesmas, dentre outros.

Mas acontece que com o fechamento de escolas do campo, um fato muito importante é negligenciado pelos gestores municipais, que ao fechar escolas rurais muito próximas a residência dos alunos do campo, está diretamente ferindo a lei que rege em que diz que os

princípios constitucionais aplicáveis à educação como direito de todos e dever do Estado, reitera o Estatuto como direito da criança e do adolescente o "acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência (art. 53, V); atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero e seis anos de idade (art. 54, IV). (Ministério Público do Rio Grande do Sul, s/d).

Além disso, as crianças de 0 a 6 anos de idade perdem seus direitos garantidos, pela Lei da Constituição Federal de 1988 em disposto ao Estatuto da criança e do Adolescente, a partir do fechamento de escolas do campo, essas crianças ficam sem ir à escola, devido não terem acesso ao transporte escolar, pois o local onde residem fica muito distante da escola. Para compreender ainda mais esse dito, trago Hage (2010) o qual mostra dados oficiais em que revelam as graves consequências decorrentes da falta de políticas públicas educacionais em favor dos povos do campo.

Dados oficiais do INEP, do Censo Escolar de 2006, fortalecem essa argumentação ao revelarem que escolas multissériadas passaram de 62.024 em 2002 para 50.176 em 2006 e as matrículas nesse mesmo período passaram de 2.462.970 para 1.875.318; e que houve um crescimento no deslocamento dos estudantes no meio rural no sentido campo-cidade de mais de 20 mil alunos transportados e no sentido campo-campo de mais 200 mil estudantes em 2006 (p.6).

Refletindo sobre esses dados oficiais do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas) percebo o quanto é grave a situação dos alunos do campo que estudam em escola pública. Apresentando esses dados matematicamente temos: no ano de 2002 no país tinham 62.024 escolas multissériadas; em 2006 esse número caiu para 50.176, então há uma diferença de 11.848, a partir disso posso dizer que dentro desses quatro anos, a cada ano foram fechadas 2.962 escolas multissériadas no Brasil. Por certo, esse quadro nos mostra o verdadeiro descaso partindo de autoridades municipais e estaduais, não digo federais, pois é sabido que o governo federal tem criado programas educacionais de incentivos a permanência de alunos no

campo, bem como, repassados recursos financeiros a educação do campo. Hage mais uma vez adverte:

de fato, a inexistência de escolas suficiente no campo tem imposto o deslocamento de 48% dos alunos dos anos iniciais e 68,9% dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental para as escolas localizadas no meio urbano em todo país, problema esse, que se agrava à medida que os alunos vão avançando para as séries mais elevadas, onde mais de 90% dos alunos do campo precisam se deslocar para a escola urbana para cursar o Ensino Médio (INEP, 2002). (Idem, p.6).

Pensando sobre as dificuldades de acesso as escolas do campo, assim como os depoimentos dos alunos do campo ora exposto neste trabalho, onde falam do transporte escolar de péssima qualidade, estradas esburacadas, lama, poeira, dentre outros, assim sendo entendendo que para esses alunos sair do seu local de origem para estudarem distante de sua residência torna-se somente uma obrigatoriedade e não uma escolha por parte desses alunos.

4.4 Manifestação cultural na Escola Estadual Brasil Tropical

A Escola Brasil Tropical todos os anos promove atividades culturais visando à conscientização da comunidade escolar, no sentido de relembrar atividades que ao longo dos tempos na história da humanidade foi um marco nas vivências de povos diversos, com matrizes culturais distintas presente na comunidade. Além do que, objetiva o entretenimento, o encontro de pais e alunos, entre outros, bem como a aquisição de novos aprendizados acerca das atividades propostas.

Porém, o programa Mais Educação implantado recentemente na Escola Brasil Tropical tem atuado de forma diferenciada com relação aos eventos que ora ou outra acontecem na escola. Pois a atuação do programa não é visto apenas como atividade festiva, mas como atividade sociocultural em âmbito escolar e é isso que o faz diferente.

Para ter uma visão mais ampla de como estão sendo realizadas as atividades do programa Mais Educação na Escola Brasil Tropical será apresentado por imagens as manifestações culturais nos diversos espaços de aprendizagem integral, envolvendo pais, amigos, familiares, representantes de instituições da comunidade local, alunos, o corpo docente da escola junto com os monitores do Mais Educação, enfim, todos unidos em prol do desenvolvimento cultural e social do âmbito escolar e da própria comunidade de Cajazeiras.



Figura 11 – Confecção das roupas para a dança do carimbó.

Fonte: Itamar M. de Souza, 2013.



Figura 12 – Alunas caracterizadas para a dança do carimbó.

Fonte: Itamar M. de Souza, 2013.

As figuras acima retratam pessoas da comunidade escolar (professoras, funcionárias e mães de alunos), entre outras, se disponibilizando, se empenhando, compartilhando seus conhecimentos, suas experiências, para a melhoria desta comunidade, todo o empenho e dedicação de ambas, tem o propósito de tornar essa escola, um lugar onde de fato haja mais educação, onde pais ou responsáveis estejam presentes e comprometidos com o desenvolvimento do ensino aprendizagem dos educandos, além do mais, ter a consciência que a educação não é responsabilidade somente da escola, mas sim um compromisso de todos os sujeitos envolvidos.



Figura 13 – Alunos na quadra da Escola Brasil Tropical assistindo o torneio de futsal masculino.

Fonte: Itamar M. de Souza, 2013.



Figura 14- Times do campeonato de futsal feminino, da Escola Brasil Tropical.

Fonte: Itamar M. de Souza, 2013.

É notável nessas imagens o entusiasmo, a participação, a interação entre alunos e professores do programa Mais Educação, e os demais educandos da Escola Brasil Tropical, assim como expectadores da comunidade local. Penso assim como Alarcão (2007, p.27) que

temos que proporcionar momentos de aprendizagem diferenciados aos alunos, quando diz que: “é preciso valorizar a criação de ambientes estimulantes para a aprendizagem e incentivar o desenvolvimento da criatividade, da inovação e da sua divulgação”. Pois as atividades socioculturais, artísticas, entre outras formas de aprendizagem que está acontecendo na escola que ora apresento, são fundamentais para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.



Figura 15 – Apresentação de música gospel na Escola Brasil Tropical.

Fonte: Itamar M. de Souza, 2013.



Figura 16 – Coordenadora do Conselho Tutelar, ação educativa aos alunos da Escola Brasil Tropical.

Fonte: Itamar M. de Souza, 2013.

É importante salientar que atividades como essas que se vê nas fotos, há muito tempo não era visto com frequência e tanto entusiasmo pela comunidade de Cajazeiras, pois, com a adesão da Escola Brasil Tropical ao programa Mais Educação o direcionamento educativo da escola tem se dedicado mais. Lembrando como dito antes nesse capítulo, a escola não tinha os recursos como está tendo agora, e mais, os funcionários eram mínimos tendo que exercer funções diversas ao mesmo tempo, mas no momento, no cenário educacional da escola houve transformações bastante significativas. Entendo que a constante mudança que vem ocorrendo nessa escola é graças à participação ativa da comunidade escolar e local, bem como a colaboração da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) no que concerne a contratação de novos funcionários, para suprir as necessidades vigentes da escola.

Falando em mudanças, me reporto a minha formação para a o ensino da matemática, porém foram muitas que ocorreram no decorrer dos meus quatro anos de estudo. Antes dessa formação, via a Matemática distante da realidade, ou seja, não via nenhuma relação dos conteúdos matemáticos com o dia a dia dos alunos. Até mesmo durante os estágios de observação, percebi que o ensino da Matemática continua sendo aplicado da mesma maneira, o modo de ‘transmiti-los’ ainda está condicionado a um mecanismo de reprodução, isto é, o

aluno tem que aprender tal e qual, sem fazer qualquer inferência sobre os conhecimentos que carregam consigo. Intensifico isso dizendo que ainda “os professores repassam dogmas em vez de conectar a Matemática com o mundo real e mostrar a sua aplicação” (Revista Veja, 2015) ¹⁰.

¹⁰ Entrevista realizada pela revista VEJA com Edward Frenkel, um dos maiores pensadores da Matemática moderna, no dia 07 de Janeiro de 2015.

V- DOCÊNCIA NO/DO CAMPO: MINHA CONSTITUIÇÃO COMO PROFESSORA DE MATEMÁTICA DO CAMPO

O Educador Matemático é aquele que concebe a Matemática como um meio: ele educa através da Matemática.

Lorenzato & Fiorentini

5.1 Conhecimentos matemáticos em contexto madeireiro

Nesta seção, trago inicialmente os conhecimentos matemáticos que emergiram a partir da pesquisa Sócio Educacional do 3º Tempo Comunidade realizado na Vila Cajazeiras, a qual foi feita uma abordagem direcionada aos meios produtivos da referida vila, mas, especificamente sobre o extrativismo da madeira. No entanto, a partir dessa pesquisa, pude perceber de que forma os conteúdos matemáticos são evidenciados e em qual contexto social do cotidiano são utilizados.

Em diálogos investigativos nessa comunidade em contexto madeireiro, foram-me explicitados os valores estimados por árvore, que elas variam entre a qualidade e a distância onde é plantada. Um exemplo disso é a melancieira¹¹ chamada madeira branca, ou como dizem os madeireiros, madeira fraca de baixa classe, o valor está entre 100,00 (cem reais) e 120,00 (cento e vinte reais) por árvore. Porém, a madeira nobre (ipê, castanha, maracatiara, cedro) é mais cara, está estimada em 250,00 (duzentos e cinquenta reais) por árvore.

Com relação à distância de onde as árvores são plantadas, a madeira é valorizada da seguinte forma, se é perto da serraria ela vale até 200,00 (duzentos reais), mas, se for longe esse valor cai pra 50,00 (cinquenta reais) por árvore. Para fazer a derrubada da madeira, no caso de quem não tem um trator é preciso alugar, pois o trator faz em média, quatro cargas de madeira por dia. Sendo assim, para carregar uma carga de madeira, que é num total de 15m. (quinze metros) um trator gasta em média duas horas, uma hora trabalhada tem um custo de R\$ 200,00 (duzentos reais) então, contabilizando oito horas trabalhadas custam 1.600,00 (mil e seiscentos reais).

Com relação a uma carga de madeira, um caminhão suporta 15m (quinze metros). Cada espécie de madeira tem um determinado peso, por exemplo, o jatobá ele pesa 1.350 kg (mil e trezentos e cinquenta quilos) por metro cúbico. Quanto ao o valor do frete para

¹¹Árvore de médio porte e de madeira fraca de pouca durabilidade, muito usada para a fabricação de compensado.

transportar a madeira é de acordo a distância, se for perto da rua, o frete fica mais em conta, fica em torno de 30,00 (trinta reais) o metro, esse valor é baseado em 1,00 (um real) por km (quilômetro). Então, transportando 15 m. (quinze metros) fica no valor de 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais) um frete.

Quanto aos lucros, um caminhão se fizer um frete de 900,00 (novecentos reais), tira 300,00 (trezentos reais) para pagar o óleo, ficando com o lucro de 600,00 (seiscentos reais). Esse resultado é de uma viagem por dia, mas, pode fazer até duas quando não há imprevisto, como no caso de acidentes ou até a perda do caminhão, principalmente no período de chuvas.

No que se refere à medida da madeira, esse procedimento é feito na serraria, o madeireiro somente derruba e transporta a madeira até a serraria. Feito isso, mede-a no comprimento e o rodo (diâmetro), divide por quatro e por fim a madeira é cubada. A cubagem é uma atividade muito rotineira onde o beneficiamento da madeira faz parte do contexto econômico da sociedade. Contribuindo para a compreensão da cubagem da madeira, trago o depoimento de um funcionário que desenvolve essa função na Vila Cajazeiras a mais de quinze anos, assim explica:

de início mede o comprimento da tora, em seguida mede a circunferência. Exemplo: circunferência 400 cm x comprimento 6.0 m. Para saber quantos metros cúbicos deu essa tora, divide a circunferência por quatro, o resultado multiplica pelo mesmo valor. Depois multiplica o comprimento pelo resultado obtido.

400: 4 = 100 x 100 = 10.000 x 6.0 = 6.0 m³ (depoimento de E.O. no dia 20/12/2010).

De acordo com Shanley et al. (2010) [...] o volume geométrico é calculado no romaneio, como se a tora fosse um cilindro. Nesse caso, mede-se o rodo bem no centro da tora. Já o cálculo do volume Francon serve para saber quantos metros cúbicos de madeira esquadriada (transformada em pranchas) podem ser tirados de cada tora. Nesse cálculo, todas as partes da tora que não são aproveitadas pela serraria já são descontadas, incluindo a casca e os defeitos internos (ocos e podridão). A prestação de contas da exploração com o IBAMA é feita com base nesse volume [...] para transformar o volume geométrico em Francon, basta multiplicar o volume geométrico por 0,7854, como mostra a fórmula abaixo (SHANLEY, 2010, p.250).

$$V_f = V_g \times 0,7854$$

Por exemplo, uma árvore com volume geométrico de 4,8 m³ terá:

$$V_f = 4,8 \times 0,7854$$

$V_f = 3,77$ metros cúbicos de madeira esquadriada.

Usando os dados da citação anterior, calcular o volume geométrico de 6.0 m³:

$$V_f = V_g \times 0,7854$$

$$V_f = 6.0 \text{ m} \times 0,7854$$

$$V_f = 4,71 \text{ m}^3$$

Refletindo sobre esses dados, percebo que há uma contradição entre o cálculo geométrico (cálculo utilizado na serraria) e o cálculo volume Francon (cálculo utilizado pelo IBAMA). Portanto as duas formas de cálculos são diferentes, primeiro os cálculos utilizado na serraria como mostrado anteriormente, tendo como resultado 6.0 m³, quando jogado na fórmula volume Francon cai para 4,71, pois há uma perda bastante significativa como visto acima.

Para entender melhor a relação entre as pessoas que estão inseridas no ramo da madeira, é preciso que se conheça a logística do setor madeireiro.

- Dono de serraria – é a fonte principal nesse ciclo da madeira, ele compra, vende, exporta, e gera rendas.
- Fornecedor 1 – proprietário de terras, fornece a matéria-prima (madeira em toros).
- Fornecedor 2– não tem terra, compra madeira do colono, vende para o atravessador e dono de serraria.
- Atravessador – superfatura o preço da madeira, não tem serraria, ele compra a madeira em toros, paga a serragem, não paga imposto, vende a madeira mais barato porque ele não tem despesa nenhuma.

O atravessador é conhecido pelos madeireiros como “picareta”, pois, ele não corre o perigo de perder um trator no mato, um motosserra, um caminhão na estrada, até a madeira que é vendida não tem nota. Então, ele vende para os outros caminhões de fora que também são atravessadores. Portanto, os sujeitos questionados são unânimes em dizer que o atravessador tem uma margem de lucro maior em relação aos donos de serraria, pelo fato de trabalhar clandestino, comprar de forma ilegal e não ter despesa alguma.

Nesse contexto e imersa em conhecimentos matemáticos, vejo o quão é frutífero é o espaço da comunidade para abordagens em âmbito educacionais, tanto em termos da disciplina de Matemática, como também para a reflexão sobre questões socioeconômicas e políticas. Evidentemente que olhar nessa perspectiva me vejo ampliando o meu campo visual quanto à formação docente em específico de professora de Matemática do campo.

Colocando minhas impressões sobre os conteúdos matemáticos evidenciados em contexto madeireiro, bem como são utilizados, para melhor explicita-los, iniciarei fazendo

uma abordagem a partir do termo ‘longe e perto’ pois os mesmos se referem à distância, no entanto, se forem problematizados em sala de aula, será preciso usar unidades de medidas¹², dentre muitas, usaríamos o metro, mas para saber o total de quilômetro terá que converter o metro em quilômetros, já que 1000 metros equivalem a um quilômetro. Por conseguinte, têm os cálculos matemáticos que envolvem o valor do frete, as horas trabalhadas do trator, o peso da madeira, também a geometria, enfim, são infinitas as situações em que a Matemática está presente.

5.2 Conhecimentos matemáticos nos estágios de observação e regência no Ensino Fundamental e Médio

Sobre os conteúdos matemáticos ensinados aos alunos, há uma situação difícil de compreender, quando se trata das operações fundamentais, a maioria das turmas observadas não sabem as quatro operações, ou seja, não as memorizara. O problema é tão grave, que, quando o professor pergunta sobre um número correspondente à multiplicação e divisão, somente um ou dois alunos responde, os outros ficam mudos. Assim, é impossível seguir adiante com os conteúdos, já que as operações fundamentais são à base do ensino da matemática. Nesse sentido relata uma aluna do campo “[...] O jeito que ele ensina é bom, eu é que tenho dificuldade em resolver conta de dividir, de multiplicar. Eu não sei a tabuada toda”. (Aluna do campo, 2013).

Certamente os alunos já deveriam saber a tabuada de cabeça, resolver situações problemas envolvendo as quatro operações desde o Ensino Fundamental Menor, mas não é isso que acontece. Eles chegam ao Ensino Fundamental Maior totalmente despreparado das noções básicas. De forma que os professores vão passando conteúdos de acordo com o planejamento de curso. Na verdade, são poucos os alunos que compreendem da maneira que é passado, mas, outros vão passando de um ano a outro sem aprender de fato o que lhes é ensinado.

Contribuindo para o entendimento das operações básicas fundamentais Knijnik et. al (2012) apontaram para a centralidade que devem ser dada as materiais concretos afirmando que seu uso em sala e aula “facilita a aprendizagem dá mais resultado” com as crianças [...] Também para os adultos seu uso seria importante (KNIJNIK et. al 2012, p.73). Partindo dessa afirmação, a partir das minhas vivências experienciais em sala de aula compreendo que muito das dificuldades que a maioria dos alunos tem em resolver as quatro operações advém

¹² Unidades de medidas: área, volume, massa, capacidade, tempo e comprimento.

do ensino abstrato, ou seja, o modo que é ensinado, não conecta com os diversos conhecimentos matemáticos aprendidos na prática diária. Para essa compreensão trago D'Ambrósio (2003, p.3) “Olhar, classificar, comparar são princípios da matemática. Se alguém estender uma mão cheia de balas e outra com poucas para que uma criança escolha, ela reconhece a diferença de quantidades e vai optar pela mão cheia. Isso é uma aplicação cotidiana e prática da matemática.” A partir dessa abrangência, entendo que a criança desde pequena tem a noção de quantidade pelo fato de ver em si o objeto, no entanto fica evidente a importância de trabalhar com materiais concretos.

A falta de conhecimentos com as operações básicas fundamentais no desenvolvimento do ensino e aprendizagem da Matemática implica tanto nas séries iniciais quanto ao Ensino Médio, ou seja, em todo o percurso escolar. Por isso a necessidade de trabalhar a prática cotidiana da Matemática em sala de aula, e o modo propício para esse aprendizado nada mais é, que a utilização de materiais diversos como: tampinhas de garrafas, pedrinhas, canudos, ábaco, material dourado, entre outros. Nesse sentido explicita um monitor do programa Mais Educação da Escola Brasil Tropical.

Eu acho que na divisão e na multiplicação o maior problema é isso aí, tem aluno que não sabe dividir e nem multiplicar. Então fica difícil pro aluno resolver uma conta no Ensino médio, no primeiro grau a raiz quadrada é por causa da multiplicação da divisão. A gente trabalha não só cálculo no quadro, mas, o quebra-cabeça, o jogo de memórias, o xadrez, a dama, mas sempre usando a Matemática. (Monitor do ensino da Matemática do programa Mais Educação, 2013).

Nessa fala se intensifica ainda mais sobre a importância de ensinar os conteúdos matemáticos de maneira prática, isto é, trazer para a sala de aula ferramentas as quais são utilizadas no dia a dia dos alunos, assim sendo será possível correlacionar com os mais diversos conteúdos matemáticos, bem como tornar significativo para os alunos, o ensino da Matemática. Nessa linha de raciocínio Lorenzato (2010) reforça ainda mais: “ensinar Matemática utilizando de suas aplicações torna a aprendizagem mais interessante e realista e, por isso mesmo mais significativa [...] é um dos fatores que mais podem auxiliar nossos alunos a se prepararem para viver a sua cidadania”. (LORENZATO, 2010, p.53).

Quanto à aplicabilidade dos conteúdos matemáticos aprendidos em sala de aula, alunos do campo reconhecem a sua relevância, mas sentem falta de um ensino que os oriente a desenvolver o raciocínio lógico mediante as suas reais convivências. Assim se direciona um aluno do campo, o mesmo estuda na Vila Cajazeiras.

Com certeza a matemática vem ajudando muito a gente também, até pra gente que mora no campo, por exemplo, a matemática do Ensino Médio não está valendo muito pra roça, porque ela veio assim muito mais com essas coisas evoluídas, mas a matemática que tá valendo pra nós nessa região é a mais antiga mesmo, a escola vem sempre ensinando aí e que eu valorizo muito que a gente aprende no campo. As quatro operações que eles vêm ensinando a gente desde a 5ª série até hoje (Aluno do campo, 2014).

Nessa situação percebo o quanto se faz necessário a elaboração de um currículo voltado as especificidades dos alunos do campo, onde possam participar dos demais acontecimentos, interagindo e contribuindo com a evolução da comunidade, e com o crescimento intelectual dos atores sociais envolvidos no processo sócio educativo da vida camponesa. Um fator se destaca nessa fala, assim como visto anteriormente, as operações básicas fundamentais em específico as quatro operações, pois são conteúdos que serve de base em todo percurso escolar, assim como, a desenvoltura e a capacidade dos integrantes sociais em gerir as necessidades diárias do meio em que vivem.

5.3 Evasão de alunos na Escola Estadual Brasil Tropical

Desde o ano de 2010, início da pesquisa sócio educacional, percebi a cada ano que passa vai diminuindo o número de alunos, com base nos dados fornecidos pela secretaria, há uma constatação dos mesmos da crescente evasão de alunos. Para explicitar o referido assunto, apresento os dados de 2010 a 2014. Dentre esses, os alunos do campo que estudam na Vila Cajazeiras, assim como os moradores da referida vila.

- Em 2010 - 900 alunos;
- Em 2011 – 689 alunos;
- Em 2012 – 620 alunos;
- Em 2013 – 740 alunos;
- Em 2014 – 572 alunos;

Esses dados indicam a evasão dos alunos que estudam na Escola Brasil Tropical, pois são vários os motivos que os levam ao abandono da escola. Isso acontece por alguns fatores determinantes, dentre esses destaco; atraso no ano letivo do Ensino Médio, pois pela falta de professores para ministrarem os módulos, os alunos que se encontram nessa situação ficam devendo disciplina tendo que repor no ano seguinte. Quanto aos [alunos] do Ensino Fundamental, perdem aulas quase que diariamente, também pela falta de professores, diante disso, os pais que tem condição financeira levam seus filhos para estudarem na cidade.

Em suma, após a minha formação acadêmica, consigo visualizar muito dos conhecimentos matemáticos aprendidos em sala de aula, que antes não percebia ou dava a devida importância. Além dessa formação, não posso deixar de referenciar as formações continuadas, como o Pró-Letramento e o PENAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa) são programas criados pelo Governo Federal em parceria com universidades federais e órgãos de Educação municipal. Porém afirmo que são formações de cunho qualitativo, assim, me oportunizaram aprender e experimentar o Ensino da Matemática de forma diferenciada, então, esse aprendizado juntamente com os da universidade contribuíram bastante para a compreensão do meu processo de ensino e aprendizagem da Matemática.

Diante dos tais conhecimentos, tenho muito a contribuir com a minha comunidade, seja como professora das séries iniciais, minha primeira formação, ou seja, como futura docente de Matemática do Campo,

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ESPAÇOS REFLEXIVOS

As dificuldades para ensinar e aprender Matemática são evidenciadas frequentemente ao falar de problemas referente a falta de educadores para ministrarem a referida disciplina. Além disso, há uma diversidade de pessoas que tem preconceito com a Matemática, porque a compreende como um conhecimento complexo, difícil de aprender, atingida apenas pelos mais bem dotados de inteligência, por isso, fazem terror com aqueles que, ainda não tiveram oportunidade de conhecer um conhecimento que tem na sua essência, um universo de possibilidades para resolução de problemas da vida real.

Corroborando, Sousa em seu artigo¹³ explicita:

atualmente restam poucas dúvidas relativamente a importância da Matemática assumindo-se como uma ciência vital para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Contudo a nossa sociedade parece estar repleta de indivíduos que desenvolveram uma aversão a esta disciplina e que, irremediavelmente, vão transmitindo uma imagem pejorativa da Matemática a quem os rodeia (SOUSA, p.2-3).

Um fato interessante nessa citação, que apesar de terem pessoas avessas a disciplina de Matemática, nem por isso deixa de ser uma matéria essencial ao conhecimento lógico-matemático dos indivíduos. Sobre o gosto pela disciplina e as dificuldades em aprender a mesma, alunos do campo relatam:

“É mais ou menos, não é muito bom não, é muito difícil tem algumas coisas que a gente não entende direito”. “[...] É difícil, é muito número”. “Acho difícil aprender matemática, porque a gente tem que bater muito a cabeça”. “A cada aula ele passa um problema diferente, então, a dificuldade é de você sair de um pra outro. Por exemplo, você aprendeu um, tá, só que pra entrar noutra se torna um grande desafio, e muitos acabam se perdendo”. (alunos do campo, 2013).

Além desses comentários, um dos professores questionado sobre o interesse pela referida disciplina diz: “Falta interesse dos alunos e de alguns pais, no geral, a maioria não

¹³ SOUSA, P.M.L. de. O Ensino da Matemática: contributos pedagógicos de Piaget e Vygotsky. In: PSICOLOGIA.com.pt_ Acesso na Internet:

gosta. Uns porque não tem interesse pela matéria e outros por não se interessarem pelos estudos”. (Professor de Matemática da Escola Brasil Tropical, 2013).

Diante disso que me propus a estudar/pesquisar Matemática, mesmo sabendo que nesse contexto encontraria desafios e obstáculos. No transcorrer do curso, de início, refleti na questão do trabalho, é lógico que com enorme carência de professores de Matemática do campo para atuar nessa área, de certo não iria faltar proposta de trabalho. Ainda, com poucas turmas completaria uma carga horária. Além do que, estudar Matemática seria como mergulhar num mundo simbólico, onde exigiria de mim esforço e dedicação para desvendar os símbolos que existe acerca dessa ciência.

Refletindo sobre o que pensava antes de ingressar na universidade, com relação aos conhecimentos matemáticos adquiridos nos meus quatro anos de estudos acadêmicos, posso afirmar que a partir disso, tenho novas concepções referentes à Matemática. Compreendo o porquê, quando alguém diz que odeia essa disciplina, acredito, seja devido preconceitos impostos por muitos que desconhecem esse conhecimento e também pelo interlocutor (professor(a)) que apresenta esses conteúdos matemáticos de maneira distorcida.

Digo isso por experiência própria, a partir do momento que passei a ver a matemática de maneira diferente, contrariando o que muitos pensam sobre a disciplina, aprendi em que aplicar e quais instrumentos são utilizados. Os conteúdos matemáticos visto dessa forma, o ensino da matemática passam a ter significado real, não aquele ensino que importava aprender somente para fazer uma prova, mas para ser aplicado em contextos diversos do cotidiano. Tudo isso devido o compromisso e a dedicação de professores em espaço acadêmicos do Curso de Licenciatura de Educação do Campo, especialmente os de Matemática, que ensinaram e apresentaram caminhos para buscar na teoria e prática novos/outros conhecimentos significativos matemáticos articulado com o mundo.

Produzindo esse texto pude perceber muito mais a relevância da pesquisa a qual me propus a fazer, no decorrer desse processo consegui entender coisas referentes ao meu espaço de vivências comunitárias, que antes ‘quieta’ no meu mundo, não sabia que ao meu redor teria um mundo vasto de conhecimento. Mas, agora entendo a importância de conhecer a realidade da comunidade escolar, de como se desenvolve o processo de ensino e aprendizagem, a maneira que as pessoas se relacionam, bem como a origem e, o processo de criação e expansão de minha comunidade.

Também com a realização desta pesquisa percebi que a Matemática como espaço de aprendizagens, ensinada aos alunos do campo, assim como aos da cidade está muito distante

daquela que realmente eles precisam e necessitam em suas vivências diárias. Contribuindo Knijnik (2012) “trazer a ‘realidade’ do aluno possibilita dar significado aos conteúdos matemáticos, suscitando o interesse pela aprendizagem” (KNIJNIK et al. 2012, p.68).

Diante disso, compreendo que a partir do momento que o professor(a) tenha consciência de suas limitações quando educador(a) de Matemática podemos transformar sua prática docente, reconhecendo e verificando as competências, habilidades, atitudes, e, também as dificuldades dos alunos. Desse modo, contribuo de maneira dinâmica e prazerosa na construção da aprendizagem dos conteúdos matemáticos, para que os alunos sejam capazes de aplicar o que aprendeu em sala de aula, no contexto social do cotidiano.

Partindo dessa compreensão, penso que posso contribuir bastante para o ensino da Matemática na Vila Cajazeiras, considerando que muitos dos conhecimentos que adquiri e pude (re)significar ao longo dos estudos acadêmicos, são frutos dos momentos reflexivos e discursivos sobre a prática docente e discente do ensino da Matemática. Tais conhecimentos vislumbro compartilhar de forma interativa e dinâmica com o espaço do campo, na Vila Cajazeiras.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva.** (Coleções Questões da nossa Época; v.104). 5. ed. - São Paulo, Cortez, 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

CALDART, Roseli Salete. **Sobre Educação do Campo.** In: SANTOS, C. A. (org.) **Educação do Campo: Políticas Públicas, educação.** Brasília: INCRA/MDA, 2008, p. 67-86. Coleção por uma Educação do Campo, n. 7.

COSTA, Otacílio Soares. **Impactos Ambientais da Extração do Açaizeiro em Cajazeiras (Itupiranga/Pará) – 2005.** 51f. Monografia (Graduação em Geografia) Universidade Federal do Pará. Campus Universitário de Conceição do Araguaia Pará, 2005.

COSTA, Rita de Cássia P. da. (Org.). **Relatório-Memória do curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo.** V.1 41f. LPEC Marabá: Universidade federal do Pará, setembro, 2010.

D'AMBROSIO, U. **Diário na Escola – Santo André:** Diário do Grande ABC. Coord. pedagógica – Luciana Hubner, edição – James Capelli, diagramação – Alexandre Elias Diário na Escola – Santo André é um projeto do Diário em parceria com a Secretaria de Educação e Formação Profissional de Santo André. Sexta-feira, 31 de Outubro, 2003.

FIORENTINI, D. ; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática:** Percursos teóricos e metodológicos. Campinas: Autores Associados, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO, de quinta-feira, 12 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/08/1506722-dilma-veta-criacao-de-novos-municipios-e-abre-crise-com-congresso.shtml>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2015.

GARCIA, Felipe B. **O mundo da sustentabilidade: O Manejo Florestal.** O site Mundo da Sustentabilidade foi idealizado por Felipe B. Garcia, indo ao ar na web em 23/09/2009. Disponível em: <http://sustentabilidades.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21:manejo-florestal&Itemid=61> Acesso em 05/02/15.

GNIGLER, Miguel L. Ministério Público: **O Processo de nucleação das escolas isoladas.** Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.mprs.mp.br/infancia/doutrina/id20.htm>> Acessado em 07/01/2015.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Educação do campo e transgressão do paradigma (multi) seriado nas escolas rurais.** Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT13-6181--Int.pdf> 33ª Reunião da ANPED, GT nº13 – 6181, 17 a 20 de Outubro de 2010 – Caxambu/MG acessado em 15 de Dezembro de 2010. 16p.

KNIJNIK, Gelsa et al. **Etnomatemática em movimento**. Coleção Tendências em Educação Matemática, 25. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991. 270 p.

LORENZATO, Sérgio. **Para aprender matemática**. (Coleção Formação de professores) 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

MAGALHÃES, João Carlos. **Emancipação político-administrativa de Municípios no Brasil**. In: CARVALHO, Alexandre Xavier Ywata... [et al.] Dinâmica dos Municípios. Brasília: Ipea, 2007, p.19-20. Disponível em: http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Capitulo1_30.pdf Acesso em: 14 de Fevereiro de 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

PELOS CORREDORES DO PLANALTO. Publicado por Val-André Mutran. Brasília - DF 14 de Março de 2007. Disponível:< <http://blogdovalmutran.blogspot.com.br/2007/03/um-novo-mapa.html>> Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.

PPC. Licenciatura em Educação do Campo – LEC. Marabá: LEC/UNIFESSPA, Marabá-Pará, 2014.

REVISTA VEJA, Amazônia. **40 anos de poeira**. Setembro de 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/amazonia/40-anos-poeira-p-54.html>>. Acesso em: 30/01/2015.

SANTOS, Boaventura, S. Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos CEBRAP 79, Novembro 2007.

SHANLEY, P.; SERRA, M.; MEDINA, G. **Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica**. 2ª ed. rev. ampl. – Bogor, ID : Cifor, 2010.

SILVA, Manoel Alves da. Arranjos Políticos-Institucionais: **a criação de novos municípios, novas estruturas de poder e as lideranças locais – a divisão territorial de Marabá na década de 80**. 2006 188 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Belém, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2633/6/Tese_ArranjosPoliticoInstitucionais.pdf> Acesso em: 14 de Fevereiro de 2015.

SILVA, Maria Ivonete Coutinho da. **Mulheres migrantes na transamazônica: construção da ocupação e do fazer política**. Tese (Doutorado) Orientadora, Diana Antonaz – UFPA, Instituto de Filosofias Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3044/1/Tese_MulheresMigrantesTransamazonica.pdf> Acessado em 01/02/15.

APÊNDICE

QUESTÕES REFERENTES A ORIGEM DA VILA CAJAZEIRAS

João Brasil Monteiro no dia 01 de novembro de 2010.

- 1) Como surgiu a ideia de formar a Vila Cajarana?
- 2) Como conseguiu a concessão da área para a criação da Vila Cajarana?
- 3) Em que ano iniciou-se a Vila?
- 4) Uma curiosidade sobre o nome Cajarana, por quê?
- 5) Como se sente hoje ao ver a vila formada sendo que deu vida a ela?
- 6) Sobre a emancipação de Cajazeiras, há possibilidade e qual a previsão desse acontecimento?

M.B. no dia 04 de novembro de 2010.

- 1) Em que ano chegou no Município? E veio de onde?
- 2) Qual o motivo da vinda?
- 3) Quantos moradores residiam no local?
- 4) Qual foi o primeiro nome da serraria?
- 5) Quem foram os primeiros administradores da serraria?

QUESTÕES REFERENTES AO EXTRATIVISMO DA MADEIRA

E. S. B., no dia 12 de dezembro de 2010.

- 1) Há quanto tempo você mora no Município de Itupiranga?
- 2) Qual o nome atual da serraria?
- 3) Há quanto tempo você reside na serraria?
- 4) O que você acha do trabalho legal da extração da madeira?
- 5) Quais são os impactos ambientais causados pelo extrativismo da madeira?
- 6) Qual a importância das madeireiras no Distrito de Cajazeiras?
- 7) Qual a previsão para trabalhar com a extração da madeira aqui no Distrito de Cajazeiras?
- 8) Você vê a possibilidade de acabar esse trabalho aqui em Cajazeiras?
- 9) Durante esses 25 anos você acha que a Vila Cajazeiras evoluiu?

M.D. N, no dia 10 de dezembro de 2010.

- 1) Quanto tempo reside no Distrito de Cajazeiras?
- 2) Você trabalha aonde e pra quem?
- 3) Qual é a sua função?
- 4) O que faz um serrador?
- 5) Quanto recebe por mês ou diária?
- 6) Tem alguma proteção para esse tipo de trabalho?
- 7) É assegurado no trabalho?
- 8) Qual é o processo de transformação da madeira quando chega ao pátio?
- 9) Trabalha muito com a castanha?
- 10) De onde vem essa madeira?
- 11) Qual é o valor por árvore?
- 12) Qual é a faixa de árvores derrubadas por dia?

- 13) Quais os prejuízos causados à natureza com a extração ilegal da madeira?
- 14) O extrativismo da madeira em nossa região pode acabar?
- 15) Vocês têm plano de manejo ou reflorestamento da área?
- 16) Você acha que a extração pode acabar ou permanecer no Distrito de Cajazeiras?
- 17) Você acha que a extração da madeira feita de maneira ilegal pode causar algum problema ao meio ambiente?

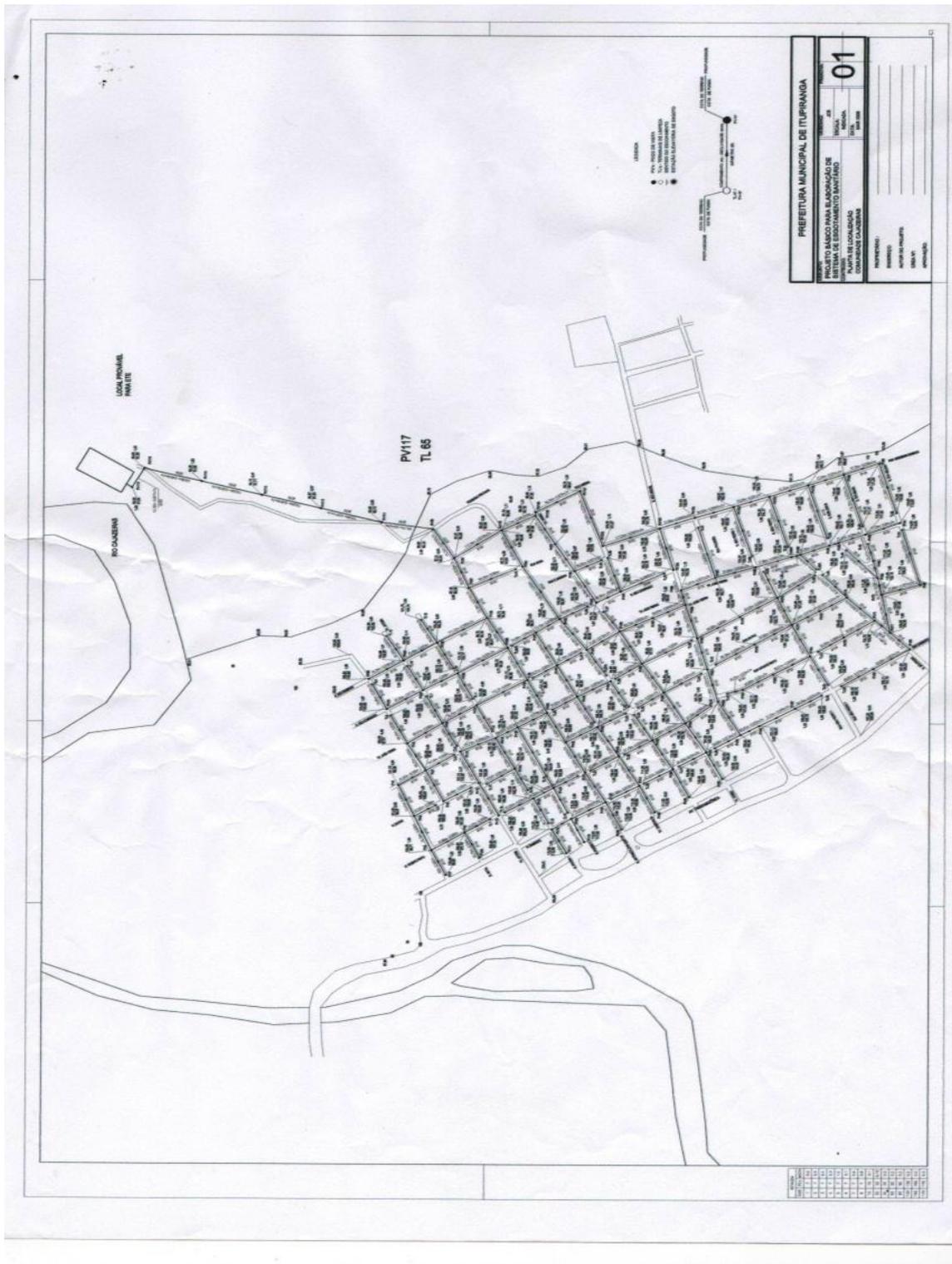
D. R. M. no dia vinte e três de outubro de 2011.

J. A.S. no dia 30 de Outubro de 2011.

- 1) Qual o motivo da sua vinda a Cajazeiras?
- 2) Qual é a sua função?
- 3) Desde quando você trabalha com madeira?
- 4) Qual é o procedimento para a compra e venda da madeira?
- 5) Qual é o preço por árvore?
- 6) Quando a madeira é vendida há distinção de valores entre ambas?
- 7) Um caminhão suporta quantos metros de madeira?
- 8) Qual o valor de uma carga de tora?
- 9) Depois da retirada da madeira há um processo de conservação do solo?
- 10) No momento da compra de que forma é medida a tora?
- 11) Qual é o valor por árvore que a serraria paga?
- 12) Qual é a sua renda mensal?
- 13) Quais são os gastos com mão-de-obra?
- 14) Para quem você vende a madeira? Com é feita a negociação? É direto com o comprador ou tem intermediário?
- 15) A extração da madeira como meio produtivo em Cajazeiras. Quanto tempo você acha que vai aturar esse trabalho?
- 16) Em sua opinião, que prejuízos terão o meio ambiente com a retirada da madeira?
- 17) Quem é o atravessador? Como ele conduz a negociação com madeira?

ANEXOS

MAPA DE CAJAZEIRAS



Fonte: Prefeitura Municipal de Itupiranga, 2010.

